



**Ricardo Correia da Silva e Souza**

**A tecnologia no descompasso entre formação  
universitária e práticas tradutórias  
Uma proposta de abordagem**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Maria Paula Frota

Rio de Janeiro  
Abril de 2017



**Ricardo Correia da Silva e Souza**

**A tecnologia no descompasso entre formação  
universitária e práticas tradutórias  
Uma proposta de abordagem**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela  
Comissão Examinadora abaixo assinada:

**Profa. Maria Paula Frota**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Paulo Fernando Henriques Britto**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Érika Nogueira de Andrade Stupiello**

UNESP

**Profa. Monah Winograd**

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Ricardo Correia da Silva e Souza**

Graduou-se em Letras na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 1983. Dedicou-se à tradução de textos especializados. Participou de diversos congressos de tradutores, sempre palestrando sobre a atividade. É professor das disciplinas Introdução à Tradução Técnico-Científica, Tecnologias da Tradução e Tópicos da Tradução da PUC-RJ. É membro da diretoria da Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes — ABRATES no biênio 2016-2018.

#### Ficha Catalográfica

Souza, Ricardo Correia da Silva e

A tecnologia no descompasso entre formação universitária e práticas tradutórias: uma proposta de abordagem / Ricardo Correia da Silva e Souza ; orientadora: Maria Paula Frota. – 2017.

88 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Tecnologias da tradução. 3. Tecnologia e sociedade. 4. Estudos da tradução. 5. Pedagogia da tradução. 6. Formação universitária do tradutor. I. Frota, Maria Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

À minha orientadora, professora Maria Paula Frota, por ter aceitado como seu orientando este tradutor que só quer devolver à tradução tudo o que da tradução recebeu.

À PUC-RJ, cujo apoio tornou este trabalho possível.

Aos funcionários do Departamento, por seu incentivo e sua visão de minha atuação acadêmica.

Ao professor e amigo Daniel Argolo Estill, que viu em mim o que não vi e de quem serei eterno devedor.

Aos meus alunos, com quem tanto aprendo.

Aos tradutores do Café Expresso, colegas com quem muito aprendi e que foram fontes de conhecimento constantes.

À minha mulher e minhas três filhas, pelo estímulo, pela paciência e pelo amor.

À Antonia, pela constante inspiração.

Aos meus pais, pela educação e o carinho dedicados a mim.

## Resumo

Souza, Ricardo Correia da Silva e; Frota, Maria Paula. **A tecnologia no descompasso entre formação universitária e práticas tradutórias: uma proposta de abordagem**. Rio de Janeiro, 2017. 86p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro

Esta dissertação se insere no contexto das discussões contemporâneas sobre abordagens às tecnologias da tradução na formação universitária de tradutores profissionais. Este estudo parte de uma análise de um afastamento percebido entre ensino universitário e prática profissional no âmbito estrito da formação de tradutores para investigar o papel do tratamento dispensado às tecnologias da tradução nessa conjuntura. Para tanto, como base teórica e metodológica, este trabalho usa postulados dos Estudos da Tradução sobre o objeto de seus ramos descritivos e aplicados e os estudos desenvolvidos pela pedagogia da tradução em torno do que seriam competências tradutórias para, então, propor um modo de inserção da tecnologia no processo de formação de tradutores. É feita, então, uma inclusão das tecnologias da tradução no contexto dos modernos Estudos de Ciência e Tecnologia em seus aspectos descritivos — notadamente os trabalhos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e a Teoria Ator-Rede (TAR) — para verificar expectativas sobre processos e resultados da tradução por causa da presença intensiva da tecnologia. Por fim, com base nas inter-relações expostas pelo exame anterior, este estudo sugere uma forma de abordagem às tecnologias da tradução na universidade que contribua para valorizar a universidade, reduzir o afastamento percebido entre ensino universitário e prática da tradução e destacar as pesquisas acadêmicas da tradução como protagonistas no âmbito das Humanidades Digitais.

## Palavras-chave

Tecnologias da tradução; tecnologia e sociedade; estudos da tradução; pedagogia da tradução; formação universitária do tradutor; prática da tradução; competências do tradutor; expectativas dos públicos da tradução; currículo de curso de tradução.

## Abstract

Souza, Ricardo Correia da Silva e; Frota, Maria Paula (Advisor). **Technology and the gap between university education and translation practice: a proposed approach**. Rio de Janeiro, 2017. 86p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro

This work follows the contemporary discussions on how to approach the translation technologies in the education of professional translators. This study starts with an analysis of a perceived distance between university education and professional practice in the strict framework of translators training and education, and then investigates the role that current approaches to translation technology play in that scenario. Therefore, as a theoretical and methodological basis, this work uses postulates from Translation Studies on the object of their descriptive and applied branches, and from the translation pedagogy studies on translational competences, to propose a mode of inserting technology in the translator education process. Then, the translation technologies are included in the modern context of Science and Technology Studies in their descriptive aspects — notably the Science, Technology and Society (STS) studies, and the Actor-Network Theory (ANT) approach — in order to check expectations on translation processes and results associated with the intensive presence of translation technologies. Finally, based on the interrelations found during investigations, this study suggests an approach to translation technology at the university that would contribute to distinguish the university, reduce the distance perceived between university education and translation practice, and highlight the academic translation research as protagonist within the Digital Humanities studies.

## Keywords

Translation technologies, technology and society, translation studies, translation pedagogy, university translator training, translation practice, translator competence, translation public's expectations, translation course syllabus

## Sumário

1	Introdução	<b>10</b>
2	O descompasso entre preparação universitária e prática tradutória	<b>15</b>
2.1	Um retrato do descompasso em números	15
2.2	Treinar tradutores ou formar tradutores?	26
2.3	Os Estudos da Tradução, a formação e o treinamento dos tradutores	28
2.4	O ensino da tradução e suas listas de desafios e competências	33
3	Tradução, tecnologia e sociedade em um diálogo transformador	<b>39</b>
3.1	Influências em um diálogo de perguntas e respostas	39
3.1.1	A tradução e seus públicos em uma relação cibernética	45
3.2	Tecnologia como traço sociocultural	47
3.2.1	A relação das culturas em geral com a tecnologia	48
3.2.2	A cultura tradutória e a tecnologia	49
3.2.3	Um relacionamento de expectativas	56
4	Universidade, mercado e seus respectivos interesses	<b>62</b>
4.1	A universidade definida por sua relação com o conhecimento	62
4.2	Cursos universitários: sempre superiores, nem sempre acadêmicos	65
4.3	A academia transformada pelo conhecimento digital	67
4.4	O mercado e suas necessidades	70
5	Uma proposta de abordagem	<b>77</b>
5.1	Tradução e sociedade como norte	77
5.2	Reflexão e prática tecnológicas como eixos	79

6.0	Considerações Finais	82
-----	----------------------	----

	Referências bibliográficas	84
--	----------------------------	----



## Lista de figuras

Figura 1	Áreas (modalidades) de atuação do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)	16
Figura 2	Condição profissional (vínculo empregatício) do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)	17
Figura 3	Nível de exclusividade profissional dedicada à tradução pelo tradutor profissional no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)	17
Figura 4	Antecedentes universitários do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)	17
Figura 5	Relação entre antecedente universitário e remuneração dos tradutores no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)	18
Figura 6	Tempo dedicado à tradução em percentual. Fonte: Katan (2009, p. 8)	20
Figura 7	Áreas de atuação de tradutores e intérpretes profissionais. Fonte: Katan (2009, p. 9)	20
Figura 8	Âmbitos de atuação. Fonte: Katan (2009, p. 11)	21
Figura 9	Percepção do que torna a tradução uma profissão. Fonte: Katan (2009, p. 13)	22
Figura 10	Grau de autonomia percebida entre tradutores. Fonte: Katan (2009, p. 25)	23
Figura 11	A concorrência, segundo os tradutores. Fonte: Katan (2009, p. 20)	24
Figura 12	Módulos mais importantes do curso universitário de tradução, segundo todos os respondentes. Fonte: Katan (2009, p. 33)	25
Figura 13	Áreas de estudo consideradas mais importantes pelos tradutores com preparação universitária. Fonte: Katan (2009, p. 35)	25
Figura 14	Mapa de Holmes/Toury dos Estudos da Tradução (Toury, 1995, p. 10)	30

Figura 15	Mapa dos Estudos do Tradutor (Chesterman, 2009, p. 19)	31
Figura 16	Desenvolvimento do ramo aplicado dos estudos da tradução, segundo Munday (2013[2001], p. 13)	32
Figura 17	Gráfico de Pinch e Bijker (1987, p. 13	41
Figura 18	<i>Mindmap</i> da TAR. Fonte: LMIP ( <a href="https://goo.gl/ts3YcF">https://goo.gl/ts3YcF</a> – acesso em 12/01/2017)	44
Figura 19	Anúncio do lançamento de um sistema de microcomputação de baixo custo da Apple no início da década de 1980. Fonte: ( <a href="https://goo.gl/ToHrab">https://goo.gl/ToHrab</a> - acesso em dezembro de 2017)	51
Figura 20	Anúncio do WordStar, meados da década de 1980. Fonte: <a href="https://goo.gl/GY4Qg0">https://goo.gl/GY4Qg0</a> (acessada em dezembro de 2016)	52
Figura 21	Ferramenta de CAT (no caso, o Wordfast Classic) trabalhando em ambiente Word. Fonte: <a href="https://goo.gl/L7PEyY">https://goo.gl/L7PEyY</a> (acessada em 10/01/2016)	53
Figura 22	Tradução em ferramenta de CAT (MemoQ) com interface própria, sem intervenção de tradução de máquina. Fonte: captura de tela própria.	54
Figura 23	Tradução em ferramenta de CAT (MemoQ) com interface própria, com intervenção de tradução de máquina. Fonte: captura de tela própria.	55
Figura 24	Representação gráfica do TAM. Fonte: ResearchGate ( <a href="https://goo.gl/07ESAF">https://goo.gl/07ESAF</a> , acessado em 25/12/2016)	58
Figura 25	OPTIMALE: not about “translations study only, but... Fonte: OPTIMALE ( <a href="https://goo.gl/6idANR">https://goo.gl/6idANR</a> – Acesso em 10/01/2016)	59
Figura 26	Ilustração do conceito de <i>Augmented Translation</i> da CSA. Fonte: TAUS (2013)	71
Figura 27	<i>Translation as Utility</i> . Fonte: TAUS (2013)	73
Figura 28	Distribuição das receitas por serviços em 2016. Fonte: CSA (2016)	74

## Lista de tabelas

Tabela 1	Áreas principais de atuação profissional. Fonte: Katan (2009, p. 9)	21
Tabela 2	Áreas secundárias de atuação profissional. Fonte: Katan (2009, p. 9)	21
Tabela 3	Aplicativos de tradução de máquina mais populares. Fonte: Wikipédia ( <a href="https://goo.gl/5XFXcW">https://goo.gl/5XFXcW</a> , último acesso em 20/12/2016)	60
Tabela 4	Lista de Membros da TAUS. Fonte: TAUS (2013)	74
Tabela 5	Distribuição das receitas por serviços em 2016. Fonte: CSA (2016)	75

# 1

## Introdução

Discussões a respeito de um afastamento<sup>1</sup> entre ensino acadêmico<sup>2</sup> e prática profissional da tradução não são novidade. Fazendo coro com o conhecido adágio “a teoria na prática é outra”, os diferentes públicos da tradução — que entendo como as diversas partes interessadas em traduções, como autores, leitores, tradutores, editores, comunicadores, pesquisadores, instituições acadêmicas, empresas, enfim, todas as partes que, por qualquer motivo, demandam traduções e cujos interesses com frequência podem ser discrepantes — veem a formação universitária do tradutor como mais associada à teorização do que à prática. O debate assume contornos peculiares quando é ampliado para abranger a relação dos tradutores com as diferentes formas de tecnologia<sup>3</sup> relacionadas à tradução e quando consideramos as expectativas de diferentes públicos da tradução sobre os conhecimentos comumente associados ao traduzir.

Ao olharmos para o relacionamento da tradução com a tecnologia, é preciso ter em mente que o processo de globalização<sup>4</sup>, cujo ápice ficou historicamente marcado pela queda do Muro de Berlim em 1989<sup>5</sup>, despertou grande interesse pela tecnologia como facilitadora da comunicação. Expectativas foram criadas a respeito dos processos e resultados dessa facilitação, de acordo com as características e possibilidades dos diferentes instrumentos tecnológicos desenvolvidos para esse fim. A tradução como comunicadora e suas capacidades tecnológicas não ficariam imunes, nem impunes a essas expectativas. Vejo, todavia, que a relação entre

---

<sup>1</sup> Evitarei, sempre que possível, usar o termo “lacuna” para me referir a afastamentos ou descompassos entre universidade e prática profissional. Falar em lacuna parece-me radical e demandante de medidas corretivas drásticas, o que não creio ser o caso.

<sup>2</sup> Aqui e no decorrer deste trabalho, a expressão “ensino acadêmico” e as variantes dessa expressão referem-se às atividades desenvolvidas em instituições de ensino e pesquisa de nível superior, tanto no âmbito da graduação quanto da pós-graduação — ou seja, a universidade.

<sup>3</sup> Neste trabalho, o termo “tecnologia” será usado ora para referir-se a produtos tecnológicos, ora para referir-se ao conjunto de técnicas, métodos e processos ou seu estudo. O contexto determinará um e outro.

<sup>4</sup> Aqui entendida como o processo internacional de integração resultante do intercâmbio mundial de pontos de vistas, produtos, ideias e outros aspectos culturais.

<sup>5</sup> Temporalmente, esse evento histórico coincidiu com um impulso dos estudos computacionais voltados para o desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA).

tecnologia e tradução tem merecido, tanto do meio universitário quanto da comunidade dos tradutores em geral, um enfoque concentrado em seus aspectos ferramentais. A tecnologia é encarada principalmente como fornecedora de dispositivos de *hardware* e *software* que auxiliam o tradutor ou que poderão vir a substituí-lo. Pouca atenção tem sido dada a outros dois aspectos não menos notáveis dessa relação: um deles, o da tecnologia como criadora ou intensificadora de expectativas entre os diferentes públicos<sup>6</sup> de traduções, de acordo com suas diferentes exigências; o outro, o da relação entre tecnologia e tradução como inserida no contexto mais amplo das relações entre sociedade, cultura e tecnologia.

Tendo isso em vista, percebo que o dito enfoque concentrado na tecnologia como fornecedora de meios de tradução pode trazer, ainda, uma consequência especialmente adversa para a universidade: na busca de conhecimentos que consideram relevantes para seu ofício, tradutores acabam privilegiando fornecedores de soluções de tecnologia de tradução e semelhantes, cuja missão reserva para reflexões de ordem ética, cultural ou social um espaço apenas suficiente para satisfazer demandas de mercado. Como resultado, partes que se interessam pela tradução somente como meio para um fim acabam ocupando o espaço de instituições formadoras de profissionais e estudiosos da tradução que possam refletir amplamente, de maneira humana e cidadã, sobre a tradução como atividade múltipla com profundas raízes sociais e culturais e cuja investigação tem muito a contribuir para o universo dos conhecimentos humanos.

Com base no exposto acima, este trabalho delinea uma visão concisa da discussão tradicional — no campo dos Estudos da Tradução e das pedagogias da tradução — sobre o afastamento percebido<sup>7</sup> entre formação e prática dos tradutores para ressaltar o papel crucial assumido pela abordagem à tecnologia no agravamento ou abrandamento dessa percepção, com propostas de exame da questão. Para tanto, recorre a uma base epistemológica esboçada pelas discussões sobre o ensino da tradução no terreno dos Estudos da Tradução, com especial

---

<sup>6</sup> Independentemente de discussões sobre visibilidade da tradução e do tradutor, considero que a presença da tradução é cada vez mais notória para seus diferentes públicos. Essa notoriedade varia desde a simples consciência de que o texto lido é uma tradução até um conhecimento mais amplo das atividades tradutórias. Este trabalho, portanto, não considera um possível público inconsciente de que é uma tradução o texto que lê.

<sup>7</sup> Este trabalho não pretende confirmar ou negar um afastamento entre formação e prática dos tradutores, mas reconhece uma percepção de afastamento amplamente registrada.

atenção para as proposições de Andrew Chesterman — por sua história como estudioso e professor de tradução — e a dados informativos provenientes de fontes confiáveis e verificáveis sobre perspectiva de tradutores, situação universitária e perfil de mercado. Aludo, ainda, a discussões sociológicas aplicadas ou aplicáveis à tradução no que tange ao seu convívio com a tecnologia; recorro às ideias de Norbert Wiener a respeito da mecânica do *feedback* para chamar atenção sobre o caráter transformador das relações; e comparo o que seriam interesses do mercado de traduções como setor da economia e da universidade como instituição de pesquisa para identificar características desta instituição que os cursos acadêmicos de tradução poderiam tentar preservar.

Após este capítulo introdutório, tento compor inicialmente, no segundo capítulo, um retrato da perspectiva dos tradutores profissionais, de origem universitária ou não, em relação à universidade. Uso, para isso, pesquisas de campo nesse sentido feitas no Brasil e no exterior. Na sequência, parto de uma distinção conceitual entre formação e treinamento de tradutores conforme Silvia Bernardini (2004) para, depois, tocar em uma discussão entre Andrew Chesterman e Emma Wagner (2010 [2002]) a respeito do afastamento entre teoria e prática da tradução. Vejo, então, como o dito afastamento pode estar refletido no Mapa de Toury/Holmes dos Estudos da Tradução (1995) e no Mapa de Munday (2013), o último com enfoque no desenvolvimento do ramo aplicado da árvore dos Estudos da Tradução. Exponho, em seguida, como a distância percebida entre formação e prática do tradutor pode estar ligada a uma noção geral de “competência”. Essa exposição é norteadá pelo exame do assunto por três estudiosos reconhecidos — Wolfram Wilss (1982), Donald Kiraly (1995) e Anthony Pym (2005) — em diferentes períodos, chegando ao trabalho de John Kearns (2006) e dos brasileiros José Luiz Vila Real Gonçalves e Ingrid Trioni Nunes Machado (2008), mais recente.

No terceiro capítulo, considerando o contexto da contemporaneidade, discorro sobre a dinâmica das relações entre o tradutor, a tradução e seus públicos. Para isso, recorro a uma distinção entre enfoques determinista e construtivista social das relações entre tecnologia e sociedade, ao conceito primordial de feedback cibernético de Norbert Wiener (1963) e aos modernos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), particularmente a Teoria Ator-Rede (TAR),

segundo proposta de Bruno Latour e Michel Callon (1987). Partindo, então, do balizamento teórico estabelecido, mostro como a tecnologia, devido à sua ubiquidade e seu papel nas dinâmicas sociais, pode estar no cerne do que seria considerada uma competência tradutória contemporânea fundamental, gerando expectativas em relação a processos e resultados das atividades do tradutor. Discorro, ainda, sobre como uma abordagem à relação entre tradução e tecnologia que seja apenas incidental (como nos cursos baseados nos Estudos Descritivos da Tradução) ou excessivamente concentrada nos aspectos ferramentais dessa relação (como nos cursos baseados na Tradumática) pode dificultar a percepção da universidade como relevante para a formação de tradutores profissionais, em face das expectativas de competência tradutória associadas à tecnologia da tradução.

No quarto capítulo, procuro descrever o que seria um interesse essencial da universidade em função da relação secular entre a instituição e o conhecimento e como a forma de lidar com esse interesse pode ter sido transformado pelo surgimento das Humanidades Digitais. No mesmo capítulo, trago uma descrição das expectativas tradutórias e tecnológicas do setor de traduções, onde atuarão muitos dos profissionais formados ou treinados pelas universidades. Esta descrição será orientada por duas das fontes de dados mais prestigiadas do setor.

No quinto capítulo, com base nas discussões anteriores, trago uma proposta de abordagem às tecnologias da tradução que visa contribuir para aproximar a universidade e os profissionais da tradução. Essa proposta parte do princípio de que os cursos universitários de tradução devem dialogar com os públicos que atende não apenas para satisfazer as necessidades desses públicos, mas para fazê-los avançar. A proposta ressalta, assim, a importância de cursos universitários de tradução que promovam a pesquisa, porém sem deixar de lado a formação de profissionais tradutores capazes de atender o que deles esperam, hoje, seus públicos.

No sexto capítulo, como conclusão, reforço como este trabalho está alinhado a uma preocupação com o papel da tecnologia nos rumos tomados pela tradução, além da formação de tradutores aptos não só a atender demandas profissionais, mas a renovar o conhecimento gerado pelas investigações acadêmicas.

Antes de prosseguir, alguns esclarecimentos:

- a) qualquer alusão a conflitos entre teoria e prática ou distanciamentos entre

formação acadêmica e prática profissional do tradutor será feita na medida em que esses conflitos sejam pertinentes para uma análise das expectativas dos diferentes públicos da tradução sobre a formação e as práticas dos tradutores;

- b) menções a quaisquer estudos teóricos ou teorias terão em vista sua participação na formação do profissional tradutor;
- c) exceto por traduções de pequenos trechos inseridos no texto, para manter a fluidez da leitura, citações à bibliografia em inglês foram mantidas em inglês. A exiguidade do tempo na execução desta dissertação impossibilitou a pesquisa minuciosa e o extenso cruzamento de referências que a tarefa exigiria. Além disso, toda a informação gráfica mantém seu texto integrado em inglês.



## 2

## O descompasso entre preparação universitária e prática tradutória

“There is nothing more deceptive than an obvious fact.” A tentação de abrir este capítulo citando Arthur Conan Doyle foi grande e cedi. A ideia de um afastamento entre os conhecimentos auferidos na universidade e as necessidades da prática profissional parece já ser uma obviedade. Vejo nisso um pensamento fatalista que pode ser contradito de diferentes maneiras. Para isso, é oportuno entender como ele se manifesta em nossa área de atividade — no caso desta dissertação, a tradução. É o que tento fazer neste capítulo, em que analiso a relação entre a orientação teórica dos cursos universitários de tradução e a preparação de tradutores para as realidades da tradução como ofício. Essa análise inclui dois pontos que considero fundamentais para os propósitos deste trabalho, sendo (a) ter em mente uma distinção entre treinar e formar na preparação de tradutores e (b) uma descrição de habilidades consideradas constitutivas de competências tradutórias, como veremos a seguir.

### 2.1

#### Um retrato do descompasso em números

Para os fins desta dissertação, encontrei duas fontes publicamente disponíveis com dados que desenharão um retrato daquilo que chamo de descompasso entre cursos universitários e práticas da tradução. Essas fontes foram:

- a) uma pesquisa sobre o perfil do tradutor profissional brasileiro publicada pela Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES) em 2015, com dados colhidos entre 919 participantes do VI Congresso Internacional de Tradução e Interpretação realizado naquele ano, complementados por pesquisa *on-line*; e
- b) um levantamento acadêmico de âmbito mundial, abrangendo 890 tradutores de diferentes países (incluindo o Brasil), publicado por David Katan

(2009)<sup>8</sup>, professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Literatura da Universidade de Salento, na Itália.

Da pesquisa da ABRATES, aproveitaremos:

- 1) os dados exemplares da população brasileira de tradutores e intérpretes em termos de modalidade de atuação, para determinar uma possível concentração de interesses do tradutor;
- 2) os dados sobre condição profissional, para determinar a inserção do tradutor em ambientes profissionais com características específicas;
- 3) os dados sobre a dedicação exclusiva à tradução como atividade profissional, para determinar sua relevância para o tradutor em termos de investimentos de tempo e recursos para aquisição de conhecimentos;
- 4) os dados sobre a conclusão de cursos de graduação ou pós-graduação em tradução, para verificar o nível de relacionamento com o ensino universitário; e
- 5) os dados sobre o reflexo da formação universitária nos ganhos materiais auferidos pelo tradutor, para determinar uma disposição de cunho eminentemente *prático* para o envolvimento com o ensino universitário da tradução.

As figuras de 1 a 5 a seguir são, respectivamente, representativas dos cinco pontos acima.



Figura 1. Áreas (modalidades) de atuação do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)

<sup>8</sup> Embora date de 2009, minha experiência como tradutor atuante, professor de um curso universitário de tradução e dirigente de uma associação de tradutores me permite confiar em seus dados como estando bem próximos da realidade atual, salvo observações e levantamento semelhante mais recente, que desconheço.



Figura 2. Condição profissional (vínculo empregatício) do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)

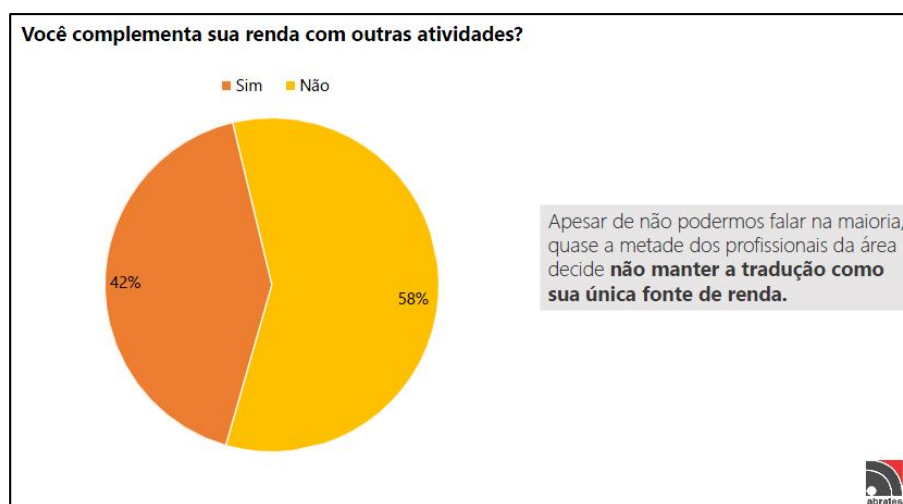


Figura 3. Nível de exclusividade profissional dedicada à tradução pelo tradutor profissional no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)

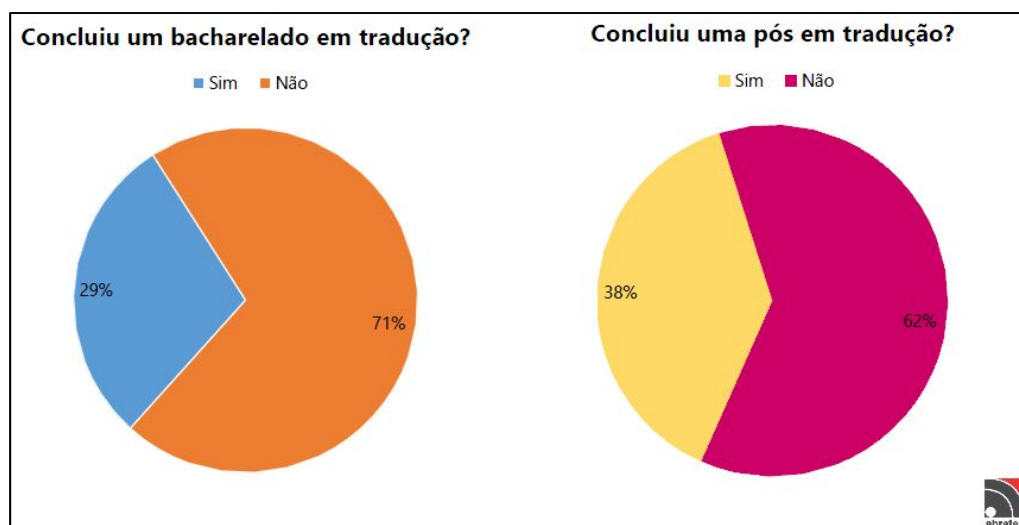


Figura 4. Antecedentes universitários do tradutor no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)

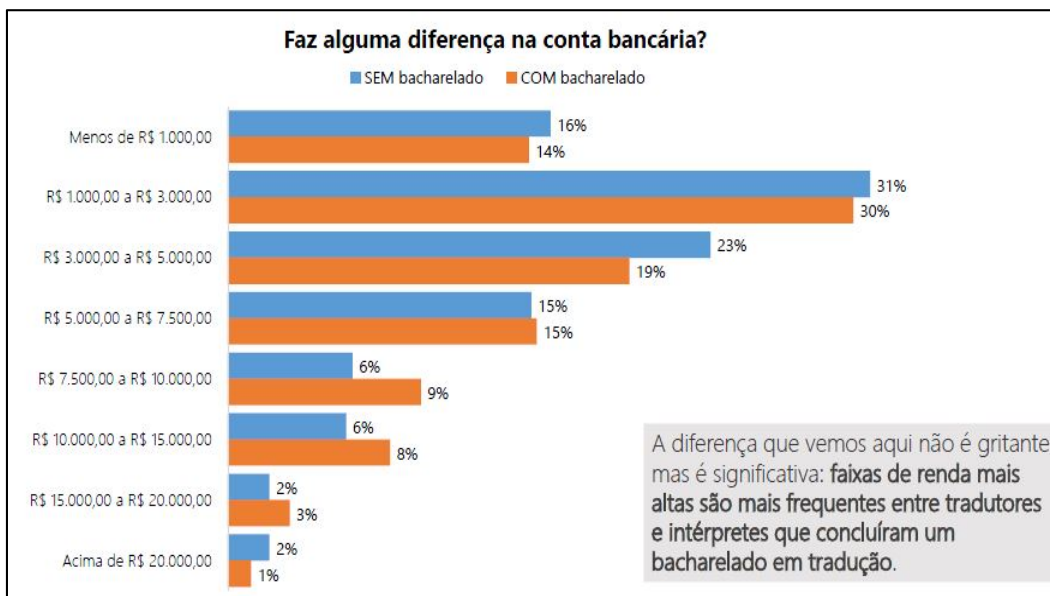


Figura 5. Relação entre antecedente universitário e remuneração dos tradutores no Brasil. Fonte: ABRATES (2015)

O predomínio da tradução mostrado na Figura 1 não surpreende. A tradução é atividade sem regulamentação específica para seu exercício, o que a torna atraente para pessoas dos mais diferentes históricos educacionais. Esse é um dado importante para quem deseje analisar um possível público profissional interessado em formalizar conhecimentos sobre tradução.

Na Figura 2, também não há surpresa. Para os fins desta dissertação, contudo, esses dados nos lembram de que a grande maioria dos tradutores profissionais circula entre diferentes tradições empresariais e de público, com o dinamismo que isso implica.

A Figura 3 nos diz que, para quase metade dos respondentes, a tradução é atividade acessória. Todavia, veremos no quarto capítulo desta dissertação que há um progressivo interesse pela tradução como profissão em função de uma demanda crescente de mercado. O envolvimento da universidade no atendimento dessa demanda é um dos pontos de interesse desta dissertação.

A Figura 4 deixa bastante clara a desproporção entre os tradutores com preparação acadêmica e aqueles preparados eminentemente pelo exercício da profissão. Extrapolando, podemos dizer que se refira à representação de um afastamento entre cursos universitários de tradução e prática da tradução. Todavia, a mesma figura informa que, em algum ponto da carreira, os tradutores procuram a universidade como fonte de um conhecimento que os tradutores consideram proveitoso. Uma medida objetiva desse proveito pode ser vista na Figura 5.

Segundo ela, os tradutores com preparação universitária estão propensos a uma melhor remuneração.

De que forma a preparação universitária gera a mencionada propensão a uma melhor remuneração é algo que merece estudos posteriores. Porém, tentarei mostrar mais adiante que isso pode ser representativo de uma tendência entre os públicos da tradução, i.e., a de favorecer profissionais com formação em cursos universitários de tradução.

Do levantamento publicado por Katan (2009), aproveitaremos:

- 1) os dados referentes ao tempo dedicado com exclusividade à profissão;
- 2) os dados sobre áreas de atuação;
- 3) os dados sobre os âmbitos (pesquisa/ensino ou tradução) de atuação dos tradutores com preparação universitária;
- 4) os dados sobre a percepção do que torna a tradução uma profissão;
- 5) os dados sobre o grau de autonomia entre os tradutores;
- 6) os dados sobre o que os tradutores consideram como concorrência;
- 7) os dados sobre a importância atribuída pelos tradutores a diferentes módulos da preparação universitária; e
- 8) os dados sobre as áreas de estudo consideradas mais importantes pelos tradutores com preparação universitária

As figuras de 6 a 13 a seguir são, respectivamente, representativas dos oito pontos acima.

Na Figura 6, temos uma reiteração da tendência ao exercício profissional autônomo e independente da tradução. Katan, todavia, nos alerta para o fato de esse exercício ser frequentemente compartilhado com outras atividades:

(...) the majority of academics (80%) and students (55%) also work professionally as permanent, agency or freelance translators or interpreters. Between 20% and 30% of the ‘permanent’, ‘full-time’ translators and interpreters actually treated the job as their 2<sup>nd</sup> or even 3<sup>rd</sup> role.

In fact, very few in the profession have *only* one role. Over two thirds (69%) ‘also’ had a 2<sup>nd</sup> role, while over half (54%) ‘at times’ had a third role. This is apart from the 75 (8%) who vaunted a 4<sup>th</sup> role, which mainly centered around teaching, though also included “painter”, “journalist” and “mother”. (Katan, 2009, p. 8)

Já a Figura 7 mostra em percentuais a relevância da tradução não literária entre os tradutores profissionais. Não vai aqui nenhuma comparação com fins

valorativos. A intenção é apenas registrar o fato de que, no exercício da tradução profissional, os textos não literários têm destaque.

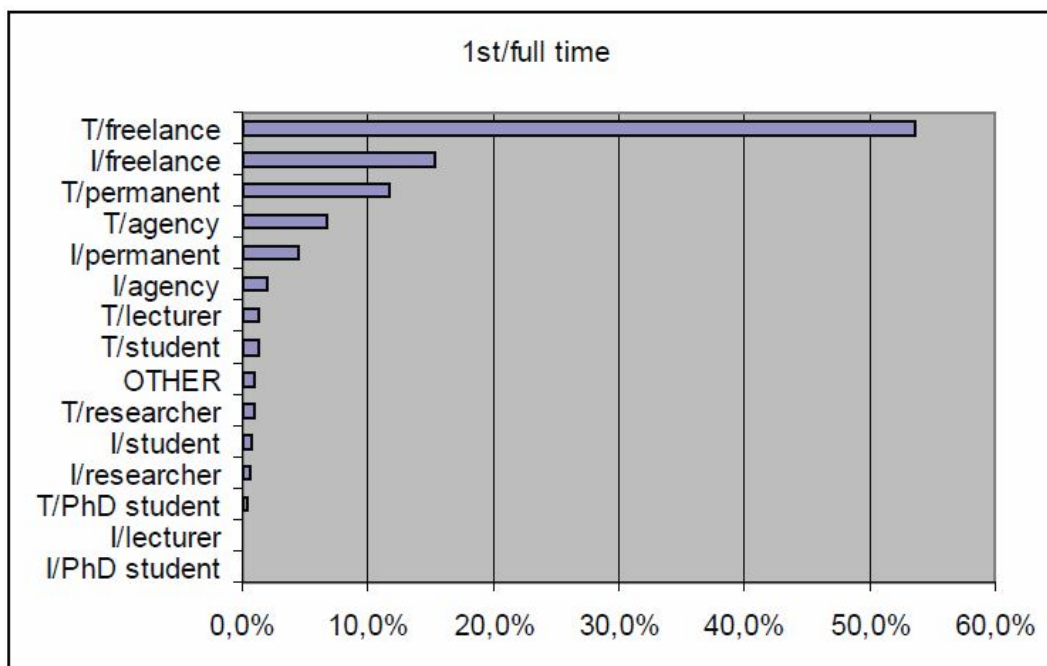


Figura 6. Tempo dedicado à tradução em percentual. Fonte: Katan (2009, p. 8)

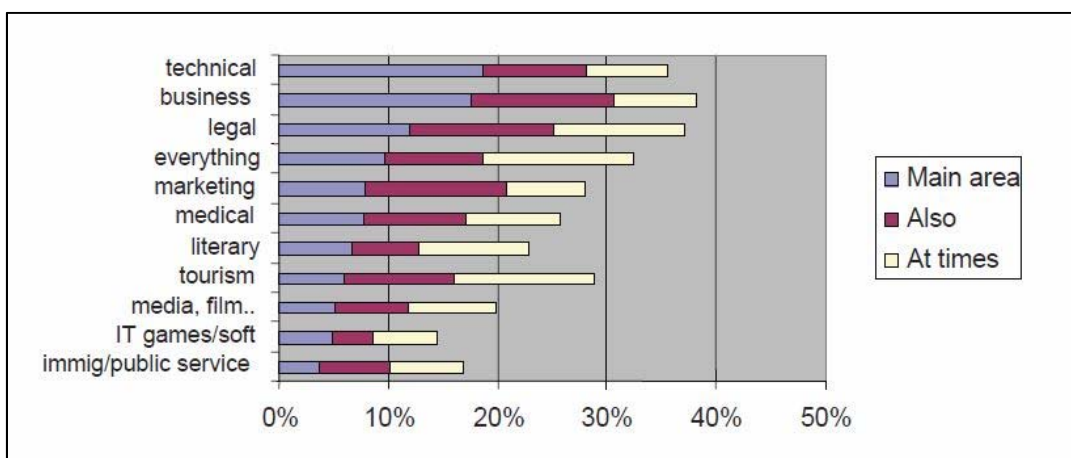


Figura 7. Áreas de atuação de tradutores e intérpretes profissionais. Fonte: Katan (2009, p. 9)

Nas duas figuras anteriores, está claro o percentual elevado de tradutores que se dedicam à literatura como área de atuação secundária (28%) em comparação com aqueles que se dedicam a ela como atividade principal (7%). A predominância da tradução de textos não literários, seja como atividade principal ou secundária, é patente.

Ao analisar esses mesmos percentuais, Katan informa como segue nas duas tabelas abaixo:

Áreas Principais	
técnica	19%
empresarial	17%
jurídica	12%
marketing	8%
tudo e qualquer coisa	8%
médica	8%
literária	7%
turismo	6%
TI (jogos, software)	5%
mídia (filmes, etc.)	5%
imigração/serviços públicos	4%

Tabela 1. Áreas principais de atuação profissional. Fonte: Katan (2009, p. 9)

Áreas Secundárias	
técnica	54%
médica	39%
jurídica	36%
empresarial	34%
marketing	31%
literária	28%
mídia (filmes, etc.)	26%
tudo e qualquer coisa	26%
TI (jogos, software)	23%
turismo	20%
imigração/serviços públicos	13%

Tabela 2. Áreas secundárias de atuação profissional. Fonte: Katan (2009, p. 9)

Na Figura 8, vemos os dados sobre tradutores com preparação universitária, concluída ou não, e as áreas em que atuavam quando o levantamento foi feito.

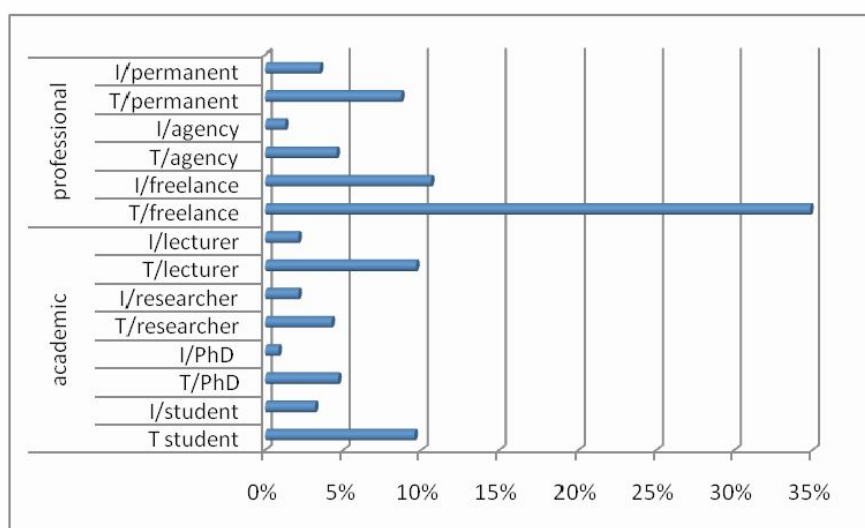


Figura 8. Âmbitos de atuação. Fonte: Katan (2009, p. 11)

Na figura acima, o destaque da atividade de tradutor autônomo/independente é gritante e quase mascara uma informação significativa para os propósitos desta dissertação: o percentual nem tão discreto de tradutores que retornam à academia ou nela permanecem como alunos, professores ou pesquisadores. Falando em números mais exatos, Katan (2009) nos diz que:

In fact, if we look at a select group of those who gained a translation or interpreting qualification at university level, it is clear that while most are working 'full-time' (598, 64%), mainly freelance (428, 29%), a sizeable minority responded that they were (also) at university either as 'full-time' lecturers (111, 12%), researchers (60, 6%) or studying for a further qualification (172, 18%). (Katan, 2009, p. 10)

A Figura 9 a seguir traz um dado de extrema relevância para esta dissertação, por estar diretamente associado à questão da competência do tradutor.

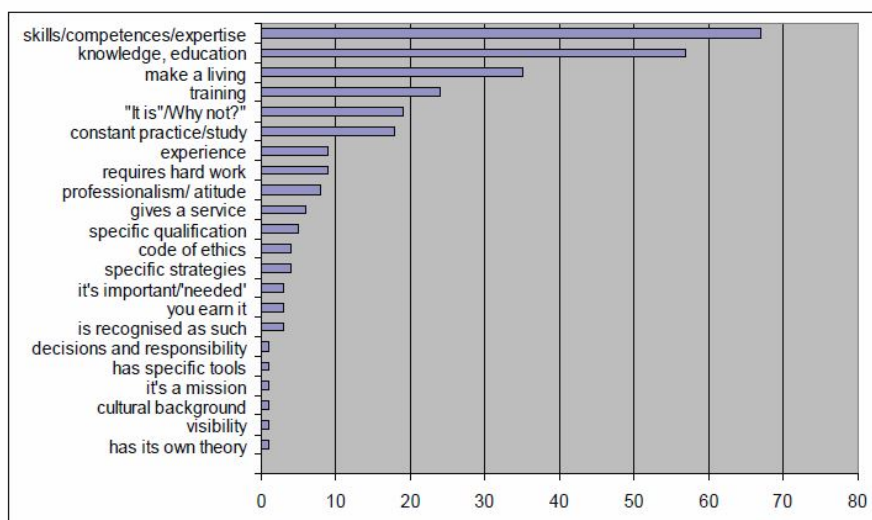


Figura 9. Percepção do que torna a tradução uma profissão. Fonte: Katan (2009, p. 13)

Também é indicativa de algo mais sutil: uma indefinição da percepção do que seja, afinal, preparar profissionalmente um tradutor. Note-se que o item mais citado pelos respondentes — que poderíamos traduzir como *habilidade/competência/especialização* — vem destacado de *conhecimento*, *formação* (ambos em segundo lugar) e *treinamento* (em quarto lugar). Em tese, esses itens seriam indissociáveis na preparação do tradutor, porém os tradutores respondentes não parecem ver desse jeito. A própria pesquisa também dissocia aqueles itens, haja vista sua segregação.

Ainda em relação à Figura 9, Katan registra a ênfase na prática por parte dos respondentes:



Most replies related to the traits definition and included a mixture of specialized (practical) skills, competences, expertise (24%) and/or (theoretical or background) knowledge and education (20%). Very few actually mentioned ‘qualification’, though many did mention specific training (24, 9%), which may or may not imply a degree in specialized translation or interpreting. Other aspects worth mentioning are the emphasis put on experience, hard work and the requirements of constant on-the-job study and practice (which covers 12% of the replies). (Katan, 2009, p. 13)

A Figura 10 traz informações sobre a percepção que os tradutores profissionais têm de um alto nível de autonomia e controle sobre a tradução. Katan (2009, p. 9) ressalta que embora o conceito de autonomia seja variado, seu levantamento tem por base a definição de Stan Lester (2007, *apud* Katan, 2009, p. 24): “[Autonomy is] the exercise of autonomous thought and judgement, and *responsibility to clients and wider society*”. O destaque é meu.

O levantamento tem em conta, ainda, a definição de Ruqaiya Hasan (2002, *apud* Katan, p. 24) para um profissional com maior e menor autonomia, ou HAP/LAP (“Higher Autonomy Professional”/“Lower Autonomy Professional”). Segundo Hasan, a autonomia de um profissional é definida por sua capacidade de gerar e transmitir mudanças em seu ambiente mais próximo de atuação: “The greater the possibility for *making policy changes*, and for *passing on policy decisions* to others as instruments for carrying them out, the more dominating the professional location” (Hasan, 2002, *apud* Katan, p. 24). Os destaques são meus.

Mais adiante, no terceiro capítulo desta dissertação, essa percepção de autonomia será relativizada por uma análise que farei dos mecanismos de *controle* e *autorregulação* embutidos na relação entre o tradutor e os públicos da tradução.

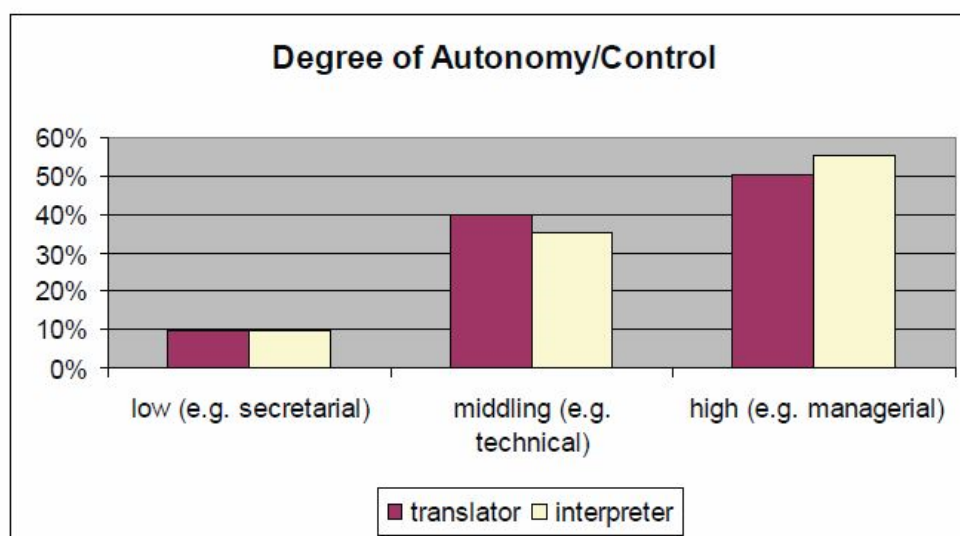


Figura 10. Grau de autonomia percebida entre tradutores. Fonte: Katan (2009, p. 25)

No âmbito deste trabalho, a Figura 11 merece uma ressalva. À época da publicação do levantamento de Katan (2009), as tecnologias de tradução de máquina<sup>9</sup> ainda não haviam assumido o vulto que têm hoje. É o único item do levantamento que, quando atualizado por pesquisa mais recente, poderá mostrar dados muito diferentes, especialmente no que tange às *E-tools* (ferramentas computadorizadas de tradução e de auxílio à tradução). Essas ferramentas são, hoje, a maior preocupação entre os tradutores profissionais em termos de concorrência. Contudo, a figura vale pelo destaque dado aos *non-professionals*, aqueles tradutores sem compromissos profissionais com a atividade de traduzir. Sua presença no meio tradutor segue muito inquietante.

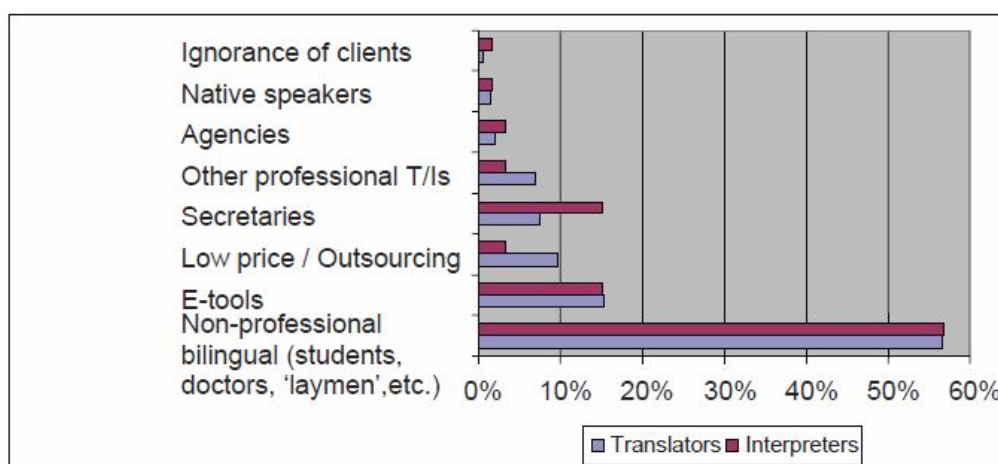


Figura 11. A concorrência, segundo os tradutores. Fonte: Katan (2009, p. 20)

Na Figura 12, interessa perceber a importância atribuída pelos tradutores aos módulos dos cursos universitários voltados para a *prática* (*practice*) e a *tecnologia* (*electronic tools*). Embora seja esse levantamento de 2009, quando considero minha experiência e os dados expostos no quarto capítulo desta dissertação, não tenho motivos para crer que uma atualização alterasse significativamente as posições dos itens, à exceção da colocação da linguística de corpus. Já a Figura 13 traz os resultados para a mesma investigação quando restrita aos tradutores com preparação universitária. Note-se nessa figura o aumento da importância atribuída aos itens de cunho acadêmico.

<sup>9</sup> O consagrado termo “tradução automática” para *machine translation* não me parece apropriado, pelo uso impreciso da noção de automatismo e por deixar de remeter a discussões importantíssimas e contemporâneas em torno das “coisas de máquinas”: inteligência de máquina, criatividade de máquina, etc. Portanto, optei neste trabalho pelo uso da expressão “tradução de máquina”, que é como me refiro ordinariamente à tradução à base de algoritmos computacionais.

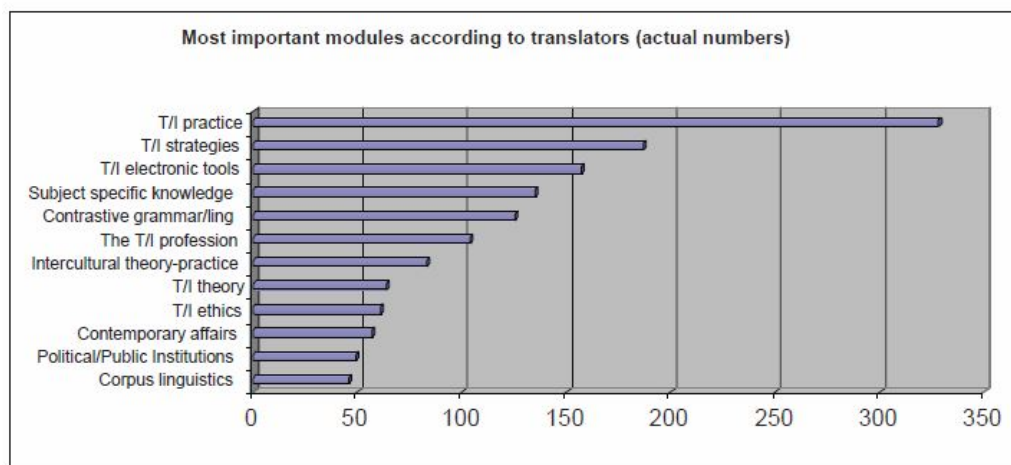


Figura 12. Módulos mais importantes do curso universitário de tradução, segundo todos os respondentes. Fonte: Katan (2009, p. 33)

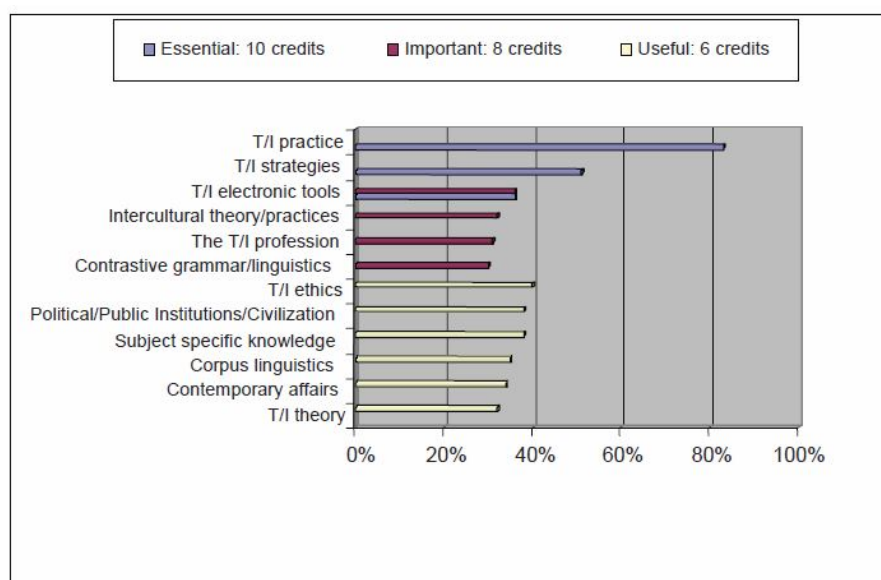


Figura 13. Áreas de estudo consideradas mais importantes pelos tradutores com preparação universitária. Fonte: Katan (2009, p. 35)

Com o detalhamento desses dados, tem-se uma imagem melhor do problema que esta dissertação se propõe a tratar. Nota-se que existe, entre a preparação universitária e a prática do tradutor, um descompasso marcado por movimentos sinuosos de aproximações e distanciamentos e não por um afastamento sem limites. Longe de tentar oferecer “a solução” para o problema, o intento desta dissertação é contribuir para uma solução passível de ser aplicada a cursos universitários de preparação de tradutores — especialmente em nível de graduação — e que (i) preserve a identidade da universidade como instituição e (ii) seja atraente não somente para o candidato a tradutor, mas também para o tradutor praticante buscando na universidade um aprimoramento de conhecimentos adquiridos na

prática. Tendo isso em vista, note-se que, até agora, venho falando em uma “preparação” universitária do tradutor. Acredito ter chegado o instante de fazer uma distinção imperativa entre treinar um tradutor e formar um tradutor, pois dessa distinção dependerá em boa parte o arrazoado que virá no decorrer deste trabalho.

## 2.2

### Treinar tradutores ou formar tradutores?

Durante minha prática como tradutor, sempre que me deparei com fontes de conhecimentos formais sobre capacitação de tradutores como ofício ou como objeto de estudo, uma expressão recorria nas divulgações de eventos instrucionais em inglês: *translator training*. As fontes divulgadoras de eventos similares em português normalmente se referiam a “cursos de tradução” cujo conteúdo programático, em linhas gerais, era quase o mesmo dos eventos estrangeiros. Nos anos mais recentes, contudo, comecei a notar outra expressão em inglês com maior frequência nas fontes estrangeiras: *translator education*, quase sempre associada a cursos universitários de tradução. De imediato, minha mente tradutora tentou estabelecer uma diferença em nível idiomático entre *training* e *education* e chegou a duas soluções simples, respectivamente “treinar” e “formar”. No que diz respeito à tradução, entendo que treinar um tradutor seja prepará-lo para atender demandas específicas da profissão no contexto de sua prática, enquanto formar um tradutor envolve a construção de uma visão da tradução como atividade que integra questões humanísticas, culturais e sociais.

Os estudos mais recentes<sup>10</sup> voltados para o ensino da tradução e seus objetivos tendem a partir de uma diferenciação entre treinamento de tradutores e formação de tradutores. Bernardini (2004), referindo-se a trabalhos anteriores sobre ensino de idiomas e trazendo suas conclusões para o ensino da tradução, estabelece que a formação do tradutor deve promover:

1. (Awareness) (...) go beyond single words and texts, and see language as a network of connected choices which are influenced by the culture they express, which in turn they influence (...).
2. (Reflectiveness) (...) the capacity to practice, store, and use more or less specific strategies and procedures involved in translation (...).
3. (Resourcefulness) (...) fostering the ability to exploit finite resources indefinitely (competencies and capacities) to cope with new and unexpected

---

<sup>10</sup> Após a virada para o século vinte e um.

challenges, and to acquire new resources autonomously, as need arises (...). (Bernardini, 2004, p. 20-21).

Partindo desse pressuposto, a estudiosa critica uma visão, notadamente aquela expressada pelas iniciativas da União Europeia no campo da tradução (como as que viriam a ser privilegiadas pelo projeto OPTIMALE<sup>11</sup> da União Europeia), de que tradutores devem tão somente ser treinados para traduzir, em detrimento de reflexões críticas sobre a atividade que desempenham:

Such a policy is both educationally and theoretically questionable. First, because it implies that the ground that translation graduates have covered in their three or four years of studies in terms of increased awareness, resourcefulness and reflectiveness can be replaced by practice and professional (technical) training without substantial effects on the quality of the translators' work. Second, because this procedure appears to hide a low conception of translation and of the translator profession, implying as it does that one can be "trained" to translate as one is trained to drive a car, through a short introduction to the tools of the trade, plus some practice. This position perpetuates a view of translation as a mechanical activity of substitution of words in one language for words in another, on which the discussions of the last ten or twenty years among translator theorists and educators seem to have had precious little effect. (Bernardini 2004, p. 22)

Vale notar que Pym (2009) percebe a visão de Bernardini como um desenvolvimento da distinção feita por Kiraly (2000) entre competência da tradução ("specific skills that allow one to produce an acceptable target text in one language on the basis of a text written in another" (p. 13)) e competência do tradutor ("[the ability to] act (communicate) successfully within parallel expert communities in different linguistic-cultural communities" (p. 13)). Pym vai além, afirmando:

From the perspective of such translator education, the institution must allow young professionals to develop as multifaceted citizens, rather than just as bearers of industrial skills. They must be taught not just how to do things; they must become members of the various overlapping professional communities engaged in the production of translations. This approach is eminently suited to long-term training programs. (Pym, 2009, p. 7)

Estabelecida, então, uma distinção entre treinar tradutores e formar tradutores, questões que pareçam circunscritas ao escopo do treinamento, quando inseridas no contexto universitário, podem assumir dimensões que ultrapassam a simples construção de habilidades práticas. Afinal, como diz Marco Aurélio Nogueira (2004), "a universidade existe para produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, organizar e articular os saberes, formar cidadãos, profissionais e lideranças intelectuais" (s/p). Nesse aspecto, é interessante que vejamos a

<sup>11</sup> Projeto encerrado em 2013 cujo objetivo era delinear necessidades determinantes de diretrizes para treinamento de tradutores (<https://goo.gl/bsCY7Y>)

participação dos Estudos da Tradução na formação dos tradutores-cidadãos de Nogueira. É do que pretendo tratar na seção a seguir.

### 2.3

#### Os Estudos da Tradução, a formação e o treinamento dos tradutores

Em 1997, Andrew Chesterman, estudioso da tradução e professor da Universidade de Helsinque, publicou a obra *Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory*, sobre teorias da tradução. Posteriormente, Emma Wagner, gerente do serviço de traduções da União Europeia, enviaria ao autor um comentário que, em outras palavras, classificava o trabalho como leitura interessante, porém inservível para o fazer tradutório, como seria, na opinião de Wagner, qualquer teoria da tradução. A partir daí, haveria uma troca de correspondências entre Wagner e Chesterman que terminaria com a publicação de um livro em 2002, intitulado *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Word Face*, registrando um debate caracterizado pela abertura dos debatedores às argumentações de um e do outro e que veio a servir de referência para discussões posteriores iniciadas por terceiros sobre o mesmo assunto.

Em sua primeira mensagem para o *scholar* Chesterman, a *practitioner* Wagner é direta e não transige:

‘Translation theory? Spare us...’ That’s the reaction to be expected from most practising translators. Messages from the ivory tower tend not to penetrate as far as the wordface. (The wordface is the place where we translators work – think of a miner at the coalface.)

Most of us had a brief brush with theory in our student days, when we absorbed whatever was needed to get us through our exams... and then proceeded to forget it, as we got to grips with the realities of learning how to do the job. There can be few professions with such a yawning gap between theory and practice. (Chesterman e Wagner, 2002, p. 1)

A resposta de Chesterman à crítica de Wagner é reveladora de um teórico e estudioso da tradução que não esqueceu seus vínculos com a prática da tradução:

Would you pose the same question of other kinds of theory? Should musicology help musicians or composers to become better musicians or composers? [...] From the point of view of a practicing translator [...] theorists are somehow seen to be ‘up there’, like teachers, in possession of knowledge to hand down, or at least with the duty of finding out such information; and we translators are ‘down here’... just tell us what to do, tell us how to do it better, please. [...] Most modern translation theorists find this view very odd. [...] We theorists should seek to be descriptive, to describe, explain and understand what translators do actually do, not stipulate what they ought to do. From this descriptive point of view, it is the

translators that are ‘up there’, performing an incredibly complex activity and the theorists are ‘down here’, trying to understand how on earth the translators manage. These theorists see themselves as studying the translators, not instructing them. (Chesterman e Wagner, 2002, p. 1-2) (o grifo é meu)

Em 2010, uma segunda edição da obra seria lançada sem alterações, sugerindo que oito anos depois da primeira edição, as incompatibilidades e discrepâncias discutidas por Wagner e Chesterman continuavam relevantes. Ora, como pode perdurar uma discussão em torno de uma alienação percebida tanto pela “torre de marfim” quanto pela “lavra” da tradução entre o pensamento teórico sobre a tradução e a prática da tradução? Obviamente, a resposta não é simples e passa por discussões complexas, como ressalta Kearns (2008):

In many societies such [translation] learning environments may be less significant, with the training of translators falling firmly within the scope of vocational and technical colleges; in other societies, however, universities with what [Dorothy] Kelly calls a “strongly academic tradition” (...) do play a much bigger role in translator training owing to a variety of factors, though notably because such universities have often traditionally been perceived within their societies as guarantors of quality and integrity. And there are many societies (such as Poland, which we will examine in the final chapter) where translators are trained in both universities and colleges, though within many of these societies (and again Poland is an example) there has been a trend for vocational and technical colleges to be upgraded to the status of universities, following certain development agendas by ministries of education.

This academic/vocational dichotomy presents a dilemma which is at the crux of translator training: Within which tradition may translators best be educated? (Kearns, 2008, p. 176)

No âmbito do ensino universitário da tradução, uma via de solução pode estar no cotejo entre a resposta de Chesterman para Wagner (citada anteriormente) e um modelo fundamental para os Estudos da Tradução como disciplina, que apresento a seguir.

O objeto dos estudos da tradução está resumido na representação gráfica que ficou conhecida como Mapa de Holmes/Toury (Figura 14). O mapa foi desenvolvido por Gideon Toury em 1995, a partir da estrutura geral dos estudos da tradução proposta por James S. Holmes em seu trabalho *The Name and Nature of Translation Studies*, de 1988 (originalmente elaborado em 1972). Nesse mapa, de fato uma árvore dos Estudos da Tradução, o ramo correspondente aos estudos “puros” da tradução diz respeito aos estudos teóricos — em outros termos, a postulação de princípios gerais que explicam e predizem fenômenos da tradução — e aos estudos descritivos da tradução. O ramo dos estudos aplicados se referiria à

prática da tradução e à formação do tradutor. Contudo, é preciso notar que a prática abrangida pelo mapeamento de Holmes/Toury é essencialmente prescritiva e diz respeito à crítica, ao ensino e ao planejamento da tradução e não à tradução como ocorre “no mundo da nossa experiência”, para usar uma expressão do próprio Toury (1995). O autor é claro sobre isso:

To be sure, it has always been my conviction that it is no concern of a scientific discipline, not even in the so-called “sciences of man”, to effect changes in the world of our experience. (...) Thus, the practitioners I have in mind are those who indulge in the *applied activities* themselves, e.g., translation critics, teachers of translation and translation planners, not practicing translators, unless the latter wish to train themselves for the profession in a fully conscious way. (...) In contrast to the two “Pure” branches of Translation Studies, which are *theoretical* and *descriptive*, respectively, its applied extensions cannot be anything but *prescriptive*, even if they are brought closer to reality (...). They [the applied extensions] are not intended to account either for possibilities and likelihoods or for facts of actual behaviour, but rather to set norms in a more or less conscious way. (p. 17-19) (os grifos são meus)

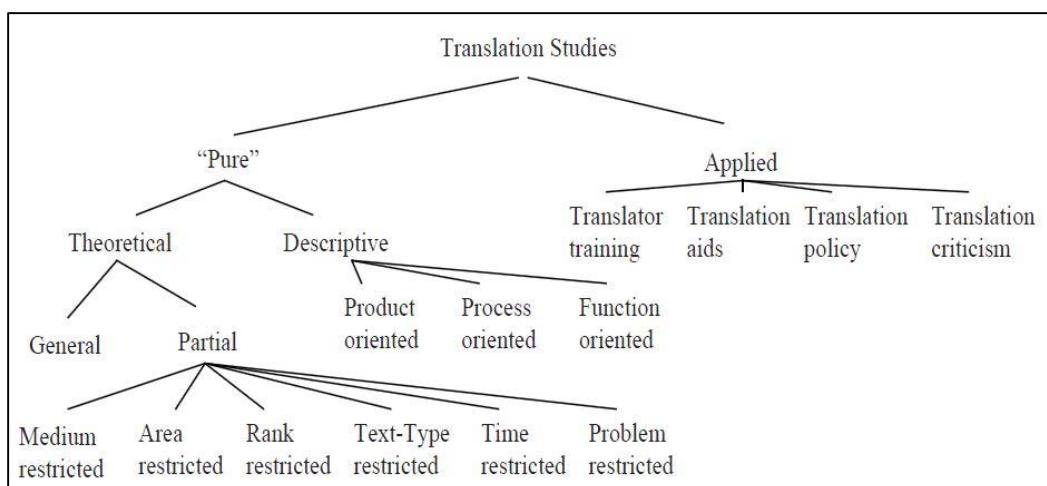


Figura 14. Mapa de Holmes/Toury dos Estudos da Tradução (Toury, 1995, p. 10)

Quando cotejamos, então, a declaração de Chesterman (2002) com a “árvore” de Holmes/Toury, vemos que esta precisa de um maior desenvolvimento de seu ramo aplicado para que reflita a complexidade da tradução como objeto de estudo, como registrado por Chesterman. O estudioso, inclusive, falaria em 2009 do surgimento de um novo ramo dos Estudos da Tradução, para o qual sugeriu o nome de Estudos do Tradutor. Sendo um ramo que teria o tradutor como principal objeto de estudo, o sub-ramo dos estudos descritivos voltado para o *processo* teria nova relevância e o tradutor seria estudado em uma conjuntura que Chesterman chamou



de “sociologia da tradução”<sup>12</sup> (2009, p. 16), descrita abaixo. No texto de referência em inglês, o autor grifou originalmente os termos que aparecem traduzidos por mim para o português:

(i) sociologia das *traduções* como produtos em um mercado internacional;

(ii) sociologia dos *tradutores*, voltada para a situação dos tradutores em diferentes culturas, remuneração, condições de trabalho, parâmetros, hábitos, organização profissional, credenciamentos, redes de tradutores, direitos autorais, relacionamento com o público, etc.; e

(iii) sociologia do *traduzir*, voltada para a tradução como um processo em fases e normatizado por procedimentos referentes a práticas, controle de qualidade, revisão, cooperação em equipe, relacionamento com outras partes interessadas na tradução, etc.

Com base nessa sociologia da tradução, Chesterman (2009) proporia um modelo a que chamou de “modelo dos agentes” (*agent model*), que vemos a seguir:

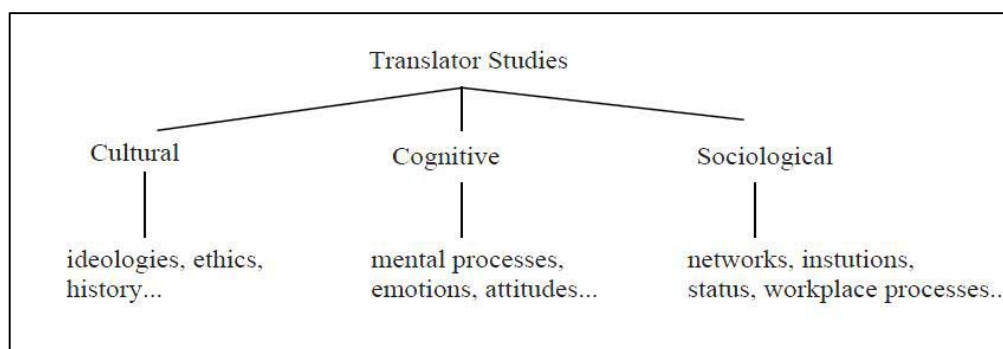


Figura 15. Mapa dos Estudos do Tradutor (Chesterman, 2009, p. 19)

Chesterman vislumbrou os Estudos da Tradução consistindo em quatro grandes ramos: (i) textual, (ii) cultural, (iii) cognitivo e (iv) social. Como, segundo o estudioso, o ramo textual lidaria com “questões textuais” (2009, p. 19), não estaria no âmbito dos Estudos do Tradutor e, por isso, não aparece no mapeamento desses estudos acima. A mim, essa exclusão parece merecer mais investigação. Todavia, o que interessa na proposta de Chesterman é a pertinência atribuída às considerações sobre relacionamentos que o tradutor estabelece, nos planos cultural e social, com partes interessadas da tradução, a quem Chesterman chamou de “*agentes* envolvidos na tradução” (Chesterman, 2009, p. 20).

<sup>12</sup> Chesterman informa que a expressão teria sido cunhada, na verdade, por Holmes (1998, apud Chesterman, 2009, p. 16), a propósito daquilo que via como uma futura área de pesquisa.

Chesterman não foi o único a propor um refinamento do mapeamento de Toury/Holmes. Ao tratar do que chamou de “subdesenvolvimento” do ramo dos estudos aplicados, Jeremy Munday já propusera em 2001, e reiteraria em 2013, um detalhamento como mostrado na Figura 16 a seguir. Longe de diminuir o trabalho de Holmes/Toury, Munday deixa claro que o privilégio dispensado por aqueles estudiosos ao ramo “puro” dos Estudos da Tradução não esconde as muitas possibilidades de desenvolvimento do ramo dos estudos aplicados. Munday diria, ainda, que o mapeamento é flexível o bastante para ser empregado como ponto de partida de discussões teóricas mais recentes e permitir soluções como a que ele mesmo propôs:

The crucial role played by Holmes's paper is the delineation of the potential of translation studies. The map is still often employed as a point of departure, even if subsequent theoretical discussions (e.g. Snell-Hornby 1991, Pym 1998) have attempted to rewrite parts of it; also, present-day research has progressed considerably since 1972. The fact that Holmes devoted two-thirds of his attention to the 'pure' aspects of theory and description surely indicates his research interests rather than a lack of possibilities for the applied side. (Munday, 2013[2001], p. 13)

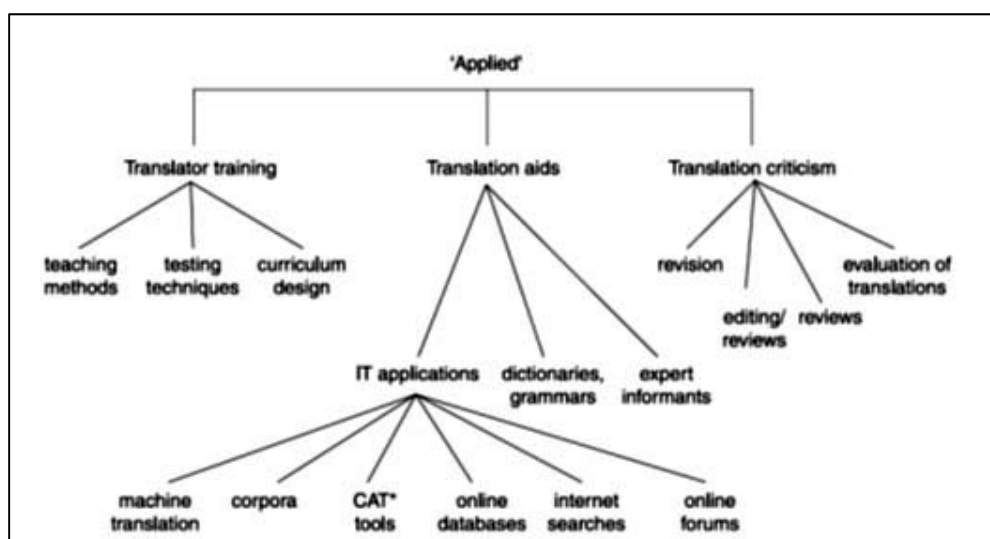


Figura 16. Desenvolvimento do ramo aplicado dos estudos da tradução, segundo Munday (2013[2001], p. 13)

A proposta de Munday expande e refina o mapeamento de Toury/Holmes e lança luzes sobre as muitas considerações que o ramo dos estudos aplicados envolve. Note-se, porém, que embora Munday concorde com Toury e Holmes quanto à essência prescritiva dos estudos aplicados da tradução, ele não sugere como estabelecer “normas de tradução mais ou menos conscientes” para o ensino da tradução (no seu aspecto *translator training*) ou a crítica da tradução — vide o grifo na citação de Toury (1995, p. 17-19). O que poderia parecer uma carência

desses estudos, entretanto, pode ser uma oportunidade de discutir a necessidade de menos prescrição e mais sinergia entre os ramos e sub-ramos da árvore dos Estudos da Tradução, especialmente no que diz respeito à interação entre a formação de tradutores e o “mundo da nossa experiência” de Toury.

A esta altura, lembrando da importância atribuída pelos tradutores ao caráter prático de sua formação (vide a seção 2.1), percebemos que os modelos de estudo propostos por Chesterman e Munday, especialmente pelo primeiro, quando usados como ponto de partida para um curso universitário de tradutores, atenderiam a anseios do tradutor que o modelo de Holmes/Toury não atende. Enfatizo que não é o caso, de forma nenhuma, de ver este modelo como descartável, mas de reconhecer que seus propósitos divergem daquilo que os tradutores consideram uma necessidade, distanciando-os de cursos universitários de tradução que o tenham por base.

Dessa forma, em um primeiro momento, já podemos dizer que um afastamento entre universidade e tradutores poderia ser mitigado por cursos de tradução que atendessem *expectativas* dos tradutores — nascidas dos relacionamentos que estabelecem com outros *agentes* da tradução — em relação àquilo que consideram os requisitos de um tradutor *competente*, especialmente consoante às Figuras 9, 12 e 13 na seção 2.1. Isso exige que, antes de prosseguir, esta dissertação lide com o diálogo entre o ensino da tradução e as expectativas de competência tradutória, como veremos na sequência.

## 2.4

### O ensino da tradução e suas listas de desafios e competências

Entre os primeiros preocupados com o papel dos estudos da tradução na formação de tradutores estava Wolfram Wilss, teórico da Escola de Leipzig, de orientação linguística. Embora Wilss, ao estudioso de hoje, possa parecer restrito ao seu tempo por sua preocupação claramente linguística com a formação de tradutores — “translation is an interlingual transfer process (...) and presupposes the syntactic, semantic and text pragmatic understanding of the original text.” (Wills, 1976, *apud* Kearns, 2006, p. 31) — Kearns observa que o trabalho de Wilss, na tentativa de delinear um arcabouço de ensino controlado, sistematizou discussões antes circunscritas aos círculos de tradutores (Kearns, 2006, p. 29). Ao tratar especificamente da situação da formação de tradutores na Alemanha das

décadas de 1970 e 1980 e se preocupar com o desenvolvimento do que chamou de “hipóteses do trabalho pedagógico” voltadas para a tradução, Wilss acabaria por desenvolver uma crítica, como observa Kearns (p. 29), de natureza expansiva em seus objetos (currículos, planos de estudo, metodologias, materiais, etc.) e que serviria de inspiração para vários autores que o sucederam, notadamente o americano Donald “Don” Kiraly. Na década de 1990, em seus primórdios como membro do Departamento de Tradução, Linguística e Estudos Culturais na Universidade de Mainz, Alemanha, Kiraly (1995) chega a uma lista do que seriam nove desafios para a construção do sistema de ensino controlado de Wilss:

1. the absence of a systematic approach to translation education based on both pedagogical and translation principles
2. the failure of translation pedagogy to use relevant contributions from other disciplines (sociology, anthropology, cognitive science, and psychology) and research from modern translation studies as foundations for translator training
3. a one-dimensional view of the process of translation, characterized by overdependence on the linguistic model of translation and a discounting of the social and cognitive realities of professional translation
4. the failure to merge the grammatical model of translation teaching with the interpretive and cultural models of translation teaching
5. a dependence on the teacher-centered performance *magistrale*<sup>13</sup> in the translation classroom
6. an acceptance, and even encouragement, of a passive role for translation students
7. a failure to undertake (and to apply the results of) empirical research on translation processes as a means to build a model of translation and translator competence upon which a translation pedagogy may be based
8. an inability to distinguish the components of translator competence and to distinguish language-related competences shared with bilinguals from professional competences
9. an absence of criticism of old practices and assumptions about curricula, including the usefulness, effectiveness, and teaching methods of certain specialized translator training, such as translation into the foreign language (Kiraly, 1995, p. 18-19)

Não me deterei em uma análise de cada item acima, pois tratam de questões que já foram amplamente discutidas desde a elaboração da lista (meados da década de 1990), que está aqui para mostrar historicamente como uma preocupação de ligar questionamentos teóricos da tradução, prática da tradução e formação de tradutores é contemporânea do *boom* dos Estudos da Tradução. Chamo a atenção, porém, para a crítica ao papel da prescrição na formação dos tradutores e para dois itens da lista: o item sete, que versa sobre a necessidade de uma pesquisa empírica voltada para o

<sup>13</sup> Conceito de Jean-René Ladmiral (1977) segundo o qual um mestre transmitiria o conhecimento para um aprendiz passivo.

desenvolvimento de um modelo de competência do tradutor que sirva de base à pedagogia de sua formação; e o item oito, por trazer para a discussão a noção de competência(s) do tradutor.

Na década seguinte, seria a vez de Anthony Pym (2005) referir-se diretamente à formação do tradutor e preparar seu próprio rol de problemas de competência, que chamou de “ingenuidades” da tradução (p. 3-6):

Ingenuidade 1: O tradutor deve ter formação universitária.

Ingenuidade 2: A formação deve cobrir tudo o que o tradutor faz.

Ingenuidade 3: Os alunos devem ser preparados para serem apenas tradutores.

Ingenuidade 4: Existe um mercado amplo e único para os tradutores.

Ingenuidade 5: Os alunos devem todos trabalhar com uma mesma língua meta.

Ingenuidade 6: Traduzir não é aprender um idioma.

Ingenuidade 7: Primeiro você traduz, depois interpreta.

Ingenuidade 8: A tecnologia não mudou nada.

Ingenuidade 9: A tecnologia nos ajuda.

Ingenuidade 10: Teorias deveriam ajudar os alunos.

Este rol se destaca em relação à lista de Kiraly, primeiro, pela óbvia defasagem temporal e, depois, por uma característica menos evidente: enquanto o público de Kiraly (e de seu inspirador, Wilss) consistia na comunidade de pesquisadores e teóricos da tradução em seu caráter pedagógico, Pym, como posteriormente ressaltaria Kearns (2006, p. 49), fala para um público que abrange todas as partes envolvidas no setor, de professores a administradores, passando pelos tradutores.

Mais uma vez, não me deterei em análises pontuais. Entretanto, note-se que as “ingenuidades” enxergadas por Pym (2005) ainda são pontos de discussões animadas entre estudiosos e tradutores nos dias de hoje, doze anos depois de reunidas naquela lista. Também é notável que Pym veja, na ingenuidade dois, um problema na formação do tradutor que, no que tange a uma ampla abrangência de habilidades, guarda parentesco com uma noção de “supercompetência” avançada décadas antes por Wilss:

(...) a comprehensive syntactic, lexical, morphological, and stylistic knowledge of the respective SL and TL and the ability to synchronize these two monolingual

knowledge areas and thus to bring about a communicatively effective linguistic transfer. (Wills, 1976, *apud* Kearns, 2006, p. 31)

Esse parentesco entre questões de abrangência distantes no tempo mostra como abordagens datadas das peculiaridades tradutórias, mesmo quando já postas para trás por quem as estuda, teimam em sobreviver.

Outro item notável na lista de Pym que precisa ser comentado é a ingenuidade nove — “a tecnologia nos ajuda”. Pym descreve como ingenuidade a crença de que a tecnologia necessariamente ajuda os tradutores, por ver nela uma perversora da ideia da tradução como comunicadora:

It took translation theory some thirty years to break with models of translation as phrase replacement. It took a whole generation to see translation as an active communication process. Now the technologies want us to throw all that away. (...) Train people to work not just with technology, but against it as well. (Pym, 2005, p. 6).

Por questão de coerência, é necessário esclarecer que, pela óptica desta dissertação, a afirmação de Pym acima parece mirar o alvo errado quando pede o confronto com a tecnologia. Acredito que, em termos de universidade, seja bem mais frutífero estar atento a uma abordagem positiva da tecnologia no ensino da tradução.

No Brasil, um trabalho notável no âmbito das competências tradutórias é o de Gonçalves e Machado (2008), da Universidade de Ouro Preto. Nele, os pesquisadores relatam resultados parciais de pesquisa desenvolvida no período entre 2003 e 2004 sobre “programas e currículos de cursos de tradução em diversos países, buscando as suas possíveis relações com os perfis de competência do tradutor propostos pela literatura especializada” (p. 45). A partir de sua pesquisa, os autores chegaram a dezessete quesitos de competência (Gonçalves e Machado, 2008, p. 53-56), como segue:

1. Competência linguística na língua materna.
2. Competência linguística prévia na(s) língua(s) estrangeira(s).
3. Competência linguística a ser desenvolvida na(s) língua(s) estrangeira(s).
4. Competência pragmática e sociolinguística na língua.
5. Competência pragmática e sociolinguística na(s) língua(s) estrangeira(s).

6. Conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho.
7. Conhecimentos temáticos (referentes a áreas especializadas de conhecimento).
8. Terminologia.
9. Conhecimentos declarativos sobre tradução (especialmente os conhecimentos teóricos sobre tradução).
10. Conhecimento relacionado à prática profissional.
11. Conhecimentos relacionados ao uso de fontes de documentação.
12. Tecnologias que podem ser aplicadas à tradução.
13. Conhecimentos operativos/procedimentais sobre tradução.
14. Aspectos cognitivos.
15. Aspectos metacognitivos.
16. Conhecimentos contrastivos.
17. Aspectos emocionais/subjetivos.

Diferentemente de Wilss/Kiraly e seu enfoque na supercompetência, Gonçalves e Machado trabalham com o conceito de subcompetências do Grupo PACTE<sup>14</sup>, ou seja, as competências de diferentes matizes que identificam o tradutor considerado competente:

Com base nos textos lidos, fichados e discutidos, produzimos um mapeamento bastante abrangente que pretendeu identificar e sistematizar as diversas categorias de conhecimentos, habilidades e subcompetências relacionadas à CT [Competência do Tradutor] (2008, p. 53).

A profusão de aspectos da lista de Gonçalves e Machado pode espantar. Porém, sua identificação com o desenvolvimento do ramo aplicado dos estudos da tradução proposto por Munday a torna útil para uma análise do atendimento das expectativas de competência no atual estado da arte da formação de tradutores.

Como vimos, são muitas as descrições do que seriam competências tradutórias essenciais. Todavia, como esta dissertação pretende, ao seu final, deixar uma contribuição para aproximar a formação universitária da prática da tradução, acredito que um cruzamento entre as descrições de competência, o retrato do descompasso na seção 2.1 e o papel dos Estudos da Tradução na seção 2.3 possa revelar um caminho. Esse cruzamento mostra, portanto, que:

---

<sup>14</sup> Grupo de pesquisa da Universidade de Barcelona voltado para a aquisição da competência tradutória (<https://goo.gl/8u2Nlw>).

- i. *A prática da tradução e as tecnologias da tradução estão associadas a expectativas de competência* — vide especialmente as Figuras 9, 12, e 13; o sub-ramo dos auxílios à tradução (*translation aids*) no mapeamento de Munday; o sub-ramo sociológico (*sociological*) no mapeamento de Chesterman; e a menção explícita de Pym (nos itens 8 e 9) e Gonçalves e Machado (no item 12) à tecnologia em suas listas de itens relacionados à competência tradutória.
- ii. Cursos que abordem as relações que os tradutores estabelecem com a tecnologia e a sociedade podem atender aos *anseios de treinamento e formação de tradutores* considerados competentes — vide as menções especiais em (i) acima.

Desta forma, entendo que um dos possíveis modos de aproximar universidade, tradutores e os diferentes públicos da tradução passe pela forma de abordar a tripeça constituída por tradução, tecnologia e sociedade — esta última, sempre concebida como constituída por grupos variados reunidos em torno dos mais diferentes interesses. Também entendo que, para promover a dita aproximação, é preciso tentar (a) compreender em que termos se dá o diálogo entre os elementos constituintes da tripeça e (b) adotar uma abordagem que preserve a universidade como fonte de saberes específicos. É do que trataremos nos capítulos a seguir.



### 3

## Tradução, tecnologia e sociedade em um diálogo transformador

Comumente, ao medirmos a relevância da tecnologia para alguma atividade ou grupo social, nos concentramos nos aspectos produtivos dessa relevância, ou seja, em até que ponto um produto tecnológico permite um incremento de resultados em relação aos resultados obtidos antes do seu emprego. Nem sempre paramos para refletir sobre o fato de, como diz Ângela L. Miranda, vivermos em uma *tecnosfera* onde a tecnologia é o *modus vivendi* da sociedade (Miranda, 2002, p. 11). Talvez até por esse motivo já seja habitual a referência a produtos tecnológicos como se falássemos do conjunto de técnicas, processos e métodos que a tecnologia agrega. Contudo, como alerta também Miranda, a tecnologia na modernidade “sofre e propicia transformações sociais profundas, não podendo, pois, ser confundida com o mero estudo da técnica ou um simples conjunto de técnicas” (2002, p. viii). Tendo isto em mente, a primeira coisa a delinear em um estudo de implicações das abordagens à tecnologia por parte de um grupo sujeito ao convívio social — no caso, tradutores, seus formadores e seus públicos — são as formas de interação entre tecnologia e sociedade. Em princípio, considero que essa interação pode acontecer em níveis evidentes e distintos, mas não estanques, como procurarei expor a seguir.

### 3.1

#### Influências em um diálogo de perguntas e respostas

Do ponto de vista de influências mútuas, existem duas principais correntes de pensamento a respeito da relação entre tecnologia e sociedade: uma entende o desenvolvimento da tecnologia como predeterminante das mudanças que ocorrem na sociedade; outra acredita ser a sociedade a força que conforma a tecnologia. Ambas as correntes apresentam argumentos tentadores.

O pensamento determinista reza que tudo é causado ou determinado, por uma série de condições e eventos precedentes, regulares e, em princípio, previsíveis. Chega a alegar, em sua forma mais radical, que as leis regentes dos fenômenos

inerentes à área do desenvolvimento tecnológico ditam que esse desenvolvimento aconteça de determinada maneira, como informa Hickman (1992):

‘Hard’ determinism (...) holds that the world that now exists is the only world that could have existed. In other words, taking all events as uniquely determined, nothing that is now the case could have been otherwise than in fact is. (Hickman, 1992, p. 141).

Hickman, não obstante, reconhece que, em termos de tecnologia, o determinismo pode admitir variações marginais associadas às extensões possíveis da intervenção humana. Ao analisar a necessidade de fazer distinções “mais finas” nos conceitos deterministas, aquele autor identifica um determinismo “soft” que, segundo ele, abraça todos os pressupostos do determinismo mais estrito, porém admitindo que pessoas podem aceitar ou rejeitar um produto tecnológico conforme constatação de sua necessidade ou não (Hickman, 1992, p. 141).

Por outro lado, o pensamento que se convencionou chamar de construtivismo social da tecnologia enfatiza a importância dos grupos sociais interessados no desenvolvimento tecnológico, o que transmitiria mais flexibilidade à concepção de artefatos tecnológicos do que uma visão determinística (portanto linear) poderia fazer supor. Pinch e Bijker (1987) exemplificam com o modo como a bicicleta evoluiu de sua forma inicialmente mais popular (a chamada *high-wheeler*, com diâmetro de roda dianteira bem maior) para a forma como conhecemos hoje. Os autores argumentam que, em finais do século dezenove, vários grupos sociais interagiram em uma dinâmica de conflitos e acordos de interesses — as diferentes necessidades físicas e sociais das mulheres e dos homens, dos idosos, dos ciclistas competidores, dos ciclistas de lazer, entre outras condições demandantes — para que o projeto das bicicletas fosse o que conhecemos hoje.

A Figura 17 abaixo traz o gráfico criado por Pinch e Bijker para mostrar, a partir do histórico tecnológico da bicicleta Penny Farthing, como problemas e soluções encontrados na concepção de um artefato representam e integram diferentes graus de influência de diferentes grupos sociais. A representação dos grupos envolvidos, inclusive, poderia ser bem maior, mas teve que ser limitada na representação gráfica por economia de espaço. Por questões de direitos autorais, a figura original não aparece na edição em formato digital disponível no Google Books e foi preciso refazê-la.

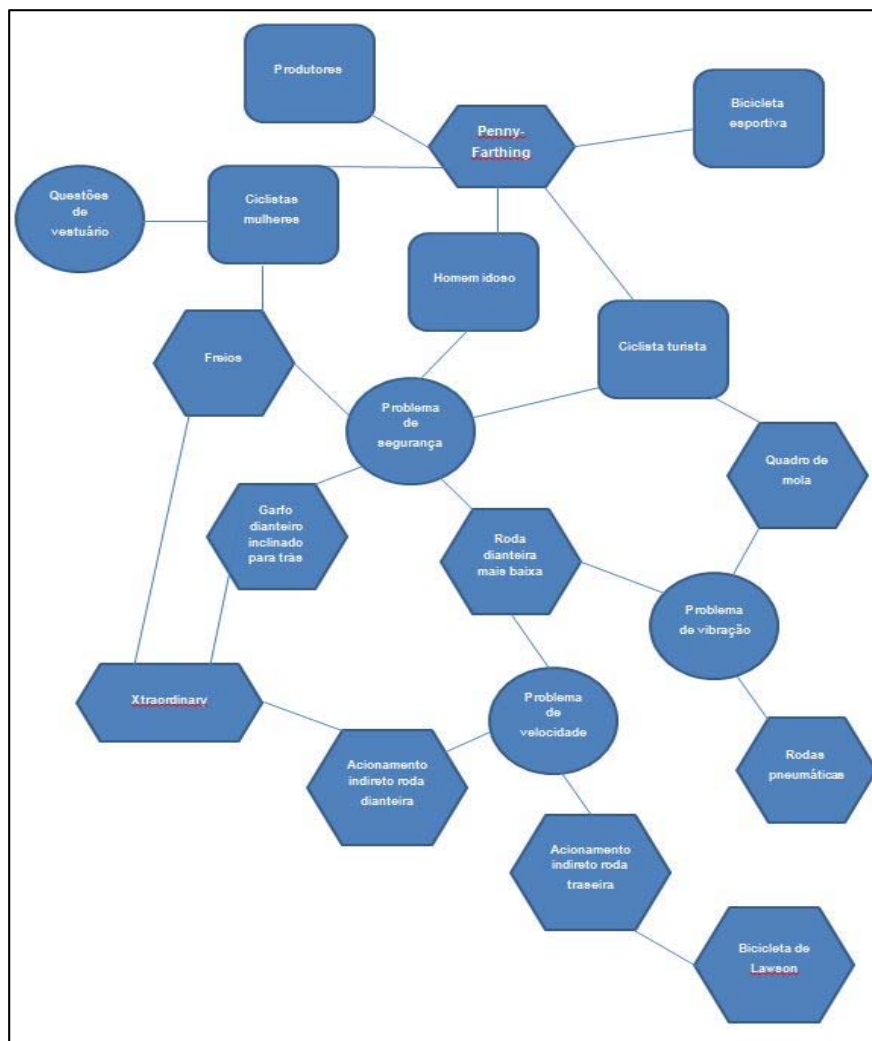


Figura 17. Gráfico de Pinch e Bijker (1987, p. 13)

Em suma, o pensamento determinista acompanha a evolução da tecnologia sem se importar com as mudanças que esta introduz nos meios em que circula. É um enfoque interessado em condicionantes. Implicações e complexidades internas da operação de um produto tecnológico dentro de um grupo social ficariam, então, encerradas em uma “caixa preta” criada pela suposta naturalidade com que uma tecnologia é aceita em função do seu próprio sucesso. Como explica Latour (1999) sobre o conceito de caixa preta:

(...) when a machine runs efficiently, when a matter of fact is settled, one needs focus only on its inputs and outputs and not on its internal complexity. Thus, paradoxically, the more science and technology succeed, the more opaque and obscure they become. (Latour, 1999, p. 304)

No outro extremo, o construtivismo social se preocupa com a complexidade das relações dentro de um sistema e tenta abrir a caixa preta. Sua preocupação é com a rede de relações que transparece quando a caixa é aberta. O construtivismo

social consiste em uma análise que, em teoria, pode se mostrar infinita — como exemplo, basta uma tentativa de dar continuidade à representação gráfica de Pinch e Bijker na Figura 17.

Embora um estudioso possa reconhecer a força dos argumentos de uma e de outra corrente de pensamento, percebe-se que ambas as abordagens podem deixar a desejar quando o propósito é analisar a possibilidade de uma relação sinérgica entre tecnologia e sociedade ou, em um âmbito mais circunscrito, entre produtos tecnológicos e grupos sociais: por um lado, a perspectiva determinista deixa de considerar interações internas que levam à aceitação de condicionantes e à validação de resultados no âmbito social; por outro, a apreciação construtivista, ao visar estritamente uma modelagem das mudanças expostas quando a caixa preta é aberta, desconsidera possíveis contribuições, em termos de conhecimento, de uma análise de *consequências das mudanças* detectadas. Assim, ambas as abordagens dificultam tentativas de verificar, no íntimo da relação entre tecnologia e sociedade, a hipótese de um corolário básico de reciprocidade em uma relação caracterizada por transformações. É precisamente essa reciprocidade que pretendemos verificar na relação entre tecnologia e tradução e entre tradutores e demandantes de traduções, ou seja, seus públicos. Afinal, como diz Pym (2011):

(...) new translation technologies such as translation memories, data-based machine translation, and collaborative translation management systems, far from being merely added tools, are altering the very nature of the translator's cognitive activity, social relations, and professional standing. (p. 1)

Se considerarmos, então, que o desenvolvimento das tecnologias voltadas para a tradução pode estar associado a uma combinação sinérgica entre restrições (linguísticas ou não), possibilidades tecnológicas e necessidades de uso, veremos que é preciso um modelo que descreva de forma mais acurada um relacionamento de influência mútua entre tecnologias da tradução, tradutores e públicos da tradução. Para tanto, pareceu-me procedente recorrer à Teoria Ator-Rede (TAR) das pesquisas sociais, até mesmo por sua gênese.

Proposta originalmente pelos estudiosos franceses Bruno Latour (1987) e Michel Callon (1986) como uma tentativa de entender processos de inovação tecnológica e geração do conhecimento científico, a Teoria Ator-Rede (TAR) não tenta explicar o motivo de uma rede existir, estando mais interessada na estruturação dos “atores” na rede, como se forma, como se desfaz, etc.

Cabem, a esta altura, algumas definições conceituais a partir dos trabalhos de Latour e Callon: por rede, a TAR entende um combinado de participantes que se relacionam entre si de forma não hierárquica. Uma *rede*, então, seria caracterizada pelo compartilhamento de informações entre seus nós. Já por *ator*, a TAR entende *cada um de todos* os participantes de uma rede, dos *materiais* (instrumentos, meios físicos, partes interessadas, etc.) aos *imateriais* (ideias, pressupostos, conceitos, etc.). A Figura 18 abaixo mostra um mapeamento dos conceitos da TAR e suas ramificações.

Apesar de seu nome, a TAR não se preocupa com teorias gerais para explicar fenômenos, mas em analisá-los empiricamente à procura daquilo que lhes dá existência, em um processo de fazimento e desfazimento que estabelece relações dinâmicas, imprevisíveis e exclusivas entre os atores de uma rede. Um exemplo dessa preocupação seria uma análise das modificações por que teria passado uma ferramenta de memória de tradução: o enfoque determinista se preocuparia com descrever causas e resultados dessas modificações no que tange às traduções geradas; a abordagem construtivista investigaria que modificações ocorreram na tecnologia por ditames de seus usuários; a TAR, por sua vez, procuraria identificar como o desenvolvimento da ferramenta poderia ser representativo de uma relação em termos de *transformação*, independente de qualquer hierarquia presente.

Para a TAR, os elementos em uma rede são exclusivamente relevantes enquanto forem *mediadores* (introdutores) e não apenas *intermediadores* (transportadores) de transformações. Isso põe a hierarquia em segundo plano e atribui a mesma relevância não somente às aos atores envolvidos no diálogo, mas também à natureza dos atores, sejam estes humanos ou não humanos. A justificativa subjacente a esse princípio, conhecido como *simetria generalizada*, argumenta que diferenças entre elementos de uma rede não são preexistentes nem determinadas, mas *estabelecidas pelo relacionamento* de fato entre os elementos na rede. É uma análise empírica em que nada é tido como predefinido ou óbvio.

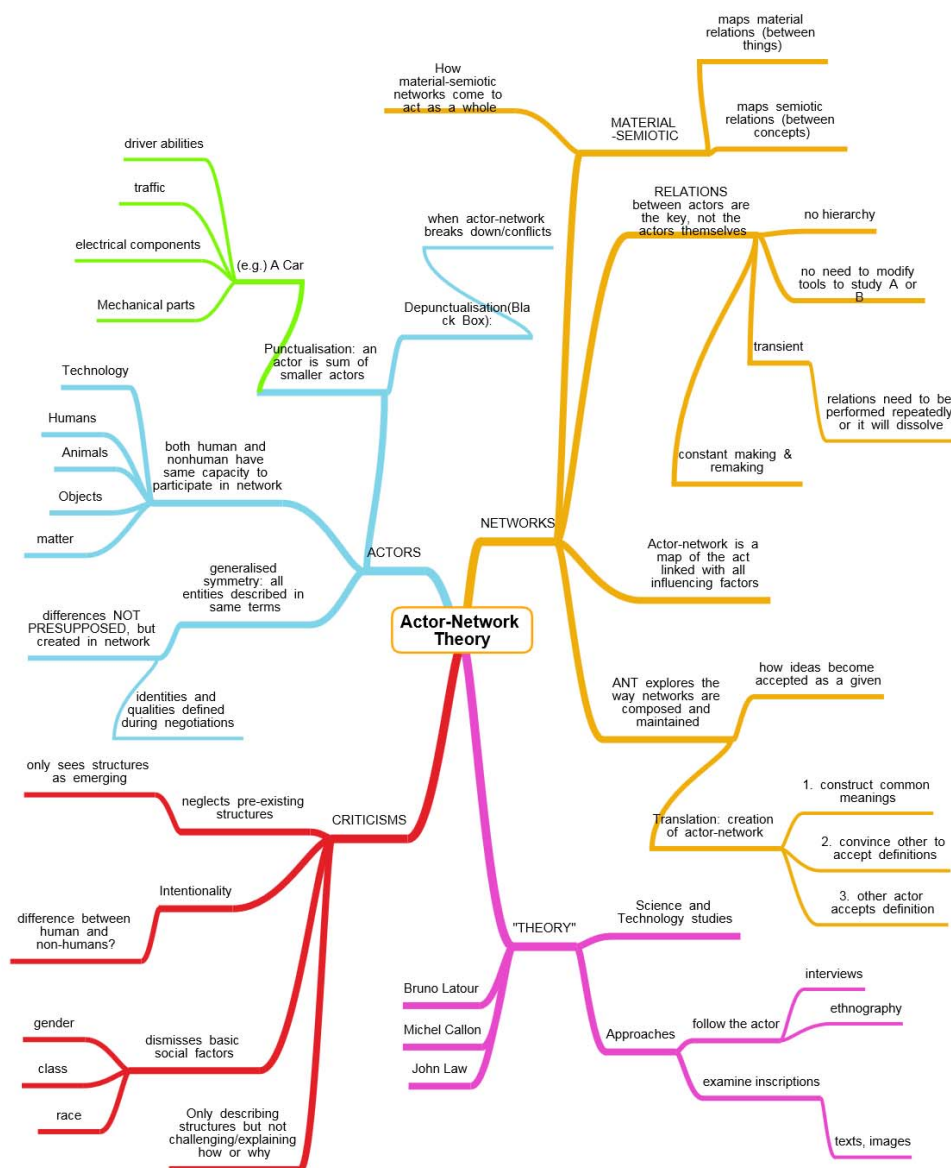


Figura 18. *Mindmap* da TAR. Fonte: LMIP (<https://goo.gl/ts3YcF> – acesso em 12/01/2017)

A oportunidade da aplicação da TAR para a abordagem da tecnologia sugerida neste trabalho vem da necessidade de verificar em que medida essa abordagem em cursos universitários de formação de tradutores pode:

- reforçar senso-comuns sobre tradução como, entre outros, aqueles envolvendo noções de equivalência, transporte e repetição;
- mascarar a natureza da relação entre tecnologia e tradução como correlata ao relacionamento geral entre tecnologia e sociedade; e
- prejudicar a concepção de uma visão mais ampla e mais profunda sobre o caráter transformador das tecnologias da tradução.

Dito isto, mostrando-se promissora a aplicação da TAR para os fins deste trabalho, seria preciso descrever, com o mesmo propósito, o que haveria de peculiar em um diálogo presumidamente transformador de ações e reações — ou, como proponho, de “perguntas” e “respostas” — entre os atores tecnologia, tradutor, tradução e público da tradução. Para tanto, pareceu-me apropriado voltar a alguns trabalhos fundadores sobre a relação entre seres humanos e seus produtos tecnológicos. Dentre eles, chamou-me a atenção a obra do matemático e filósofo Norbert Wiener, das décadas iniciais da “era dos computadores”, de que tratarei a seguir.

### 3.1.1

#### A tradução e seus públicos em uma relação cibernética

Sendo este um trabalho que aborda aspectos do relacionamento entre tradução e tecnologia, Wiener merece algum destaque. Matemático no Massachusetts Institute of Technology (MIT) desde 1919 até sua morte em 1962, seu trabalho ressoou nas mais diversas áreas do conhecimento, da engenharia à filosofia, passando pela informática, neurociência e pela lógica. Embora a palavra “cibernética”<sup>15</sup> já tivesse sido usada por Platão referindo-se aos processos de governo e por Ampère em seu sistema de classificação do conhecimento humano, a definição do termo “cibernética” adotada hoje pelas diversas disciplinas do conhecimento foi dada por Wiener (1961) como o estudo do controle (no sentido de regulação) e da comunicação entre animal, ser humano e máquina. Embora popularizado como referência ao mundo dos computadores e das criações tecnológicas, na verdade é um estudo interdisciplinar que versa sobre estruturas, restrições e possibilidades responsáveis pela autorregulação e pela regulação mútua de sistemas. Fundamental para esse conceito é a noção de *feedback*, também dada por Wiener (1961), segundo a qual uma ação (pergunta) dentro de um sistema gera mudança no ambiente em que esse sistema está e essa mudança, por sua vez, volta ao sistema na forma de um *feedback* (retorno de informação) que desencadeia outra mudança e cria um circuito de verificações e controles que permite a dita autorregulação.

---

<sup>15</sup> A palavra “cibernética” deriva do grego κυβερνήτης (*kybernētēs*, timoneiro, governador, piloto, ou leme — a mesma raiz de governo).

Especificamente sobre a tradução, Wiener dedicou-lhe algumas páginas de seu livro *Deus, Golem & Cia.* (1964)<sup>16</sup> em que, entre outras coisas, percebia a tradução como campo de grande necessidade de automação (ou “tradução mecânica”, na expressão do autor) (p. 79); via na “máquina do aprendizado” (máquina capaz de aprender com o *feedback* recebido) a maneira mais promissora de automação da tradução (p. 80); e compreendia a necessidade de critérios precisos de boa tradução para que um sistema de tradução de máquina pudesse funcionar (p. 80). Impressiona, inclusive, a atenção que Wiener dá à parceria entre tradutor humano e máquina, se considerarmos que foi proposta há mais de cinquenta anos e continua, em sua filosofia, bem atual:

Tratando-se de máquina de tradução, não é, de maneira alguma, essencial que o elemento mecânico do sistema nos dê uma tradução completa e única. Esse elemento mecânico pode proporcionar-nos, para as mesmas sentenças, grande número de traduções alternativas que se mantenham dentro das regras gramaticais e lexicográficas, deixando ao crítico a tarefa, que é de alta responsabilidade, concernente a uma apreciação e seleção da tradução mecânica melhor correspondente ao sentido do original. Não é preciso que a tradução seja globalmente confiada à máquina, mesmo partindo da ideia de que essa tradução será aperfeiçoada, em seu todo, por uma revisão crítica. Essa crítica pode ter início em estágio bem anterior. (Wiener, 1964, p. 82-83)

Em outros termos, um questionamento da tradução com base no conceito de *feedback* cibernético de Wiener ditaria que:

- a) As tecnologias da tradução buscam o aperfeiçoamento pelo autoaprendizado (1964, p. 80).
- b) Para que uma máquina de tradução funcione, é preciso haver um conjunto de regras objetivamente aplicáveis do que seja uma boa tradução ou a existência de uma instância (que Wiener chama de “árbitro”) que possa aplicar critérios subjetivos de bom desempenho independentemente de regras (1964, p. 80).
- c) É necessário um crítico sensível aos valores humanos em um sistema de tradução em que tudo, exceto a crítica, seja mecânica (1964, p. 82).

Em vista disso, o conceito de *feedback cibernético* de Wiener mostra-se bastante atraente para uma análise do circuito de influências e resultados entre a tradução e seus públicos. Além do mais, a busca do aperfeiçoamento (uma

<sup>16</sup> Embora este trabalho privilegie textos de referência originais, foi usada a tradução da obra de Wiener feita por Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota em reconhecimento à qualidade da tradução.



transformação em si), a necessidade de um mediador (um árbitro de valores) e a ênfase na crítica que estão no âmago das proposições de Wiener guardam identidade com as proposições da TAR e conjugá-las parece-me congruente. Note-se ainda que a circuitação estabelecida não é infinita, mas que terminará tão logo as expectativas expressadas pelo processo de *feedback* sejam atendidas, depois de tantos *feedbacks* quantos forem necessários ou possíveis conforme outras restrições, geralmente de tempo. Configura-se, então, uma relação de *feedback* mútuo entre tradutor e público cujo resultado, no término do circuito, poderá ser a transformação das expectativas de uma e outra parte sobre a tradução e o próprio traduzir no contexto daquele circuito. Um exemplo desse circuito, com o qual quase todo tradutor praticante está familiarizado, é o procedimento de *feedback* adotado por diversas agências e empresas de tradução. Nesse procedimento, a tradução é (i) enviada à agência ou empresa, que a analisa e (ii) devolve ao tradutor com observações sobre modificações a serem feitas; o tradutor pode (iii) aceitar ou (iiib) recusar, explicando o motivo de sua recusa à agência ou empresa; esta, por sua vez poderá (iv) poderá refutar a recusa ou (ivb) aceitá-la, ajustando seus processos no todo ou em parte e harmonizando com esses ajustes as suas expectativas de qualidade — e tudo o que sua consecução envolva — sobre traduções futuras.

Como dito anteriormente, a relação de influências mútuas que acabou de ser descrita — a qual podemos chamar de *relação de feedback cibernético* entre tradução, tradutores e seus públicos — constitui um dos níveis do “diálogo” que estas partes mantêm entre si e que ao mesmo tempo as envolve. Se formos além e passarmos a uma análise dos termos desse diálogo, veremos que seu protocolo é determinado por outra interação, desta feita em nível cultural, como veremos a seguir.

### 3.2 Tecnologia como traço sociocultural

Embora este trabalho não pretenda discutir definições de “cultura”, falar em cultura implica circunscrever a abrangência da palavra, para evitar a miríade de entendimentos em torno dela. Não há como evitar, neste ponto, uma menção à definição de Edward B. Tylor como pai do moderno conceito sócio-antropológico de cultura: “Culture (...) is that complex whole which includes knowledge, beliefs, arts, morals, law, customs, and any other capabilities and habits acquired by [a

human being] as a member of society” (Tylor, 1871, p. 1). As censuras ao conceito de Tylor, por ser originário de uma visão homogeneizante e colonialista das sociedades humanas, não prejudicam seu caráter fundador, nem diminuem sua significância de apresentar uma cultura como aprendida e não inata. Foi a partir das ponderações daquele estudioso que cultura começou a ser entendida como algo que, longe de ser um traço biológico, é ensinado, compartilhado, socializado, integrado num todo e dialético. Refletindo, podemos tomar a proposição de Tylor como um reconhecimento das dinâmicas internas de coesão e identidade dos diferentes grupos e subgrupos humanos que subjazem às culturas formadas por esses próprios grupos e subgrupos.

Já numa concepção hodierna de cultura que é importante lembrar, Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn (1952) dizem: “culture ‘conditions’ individuals but is also ‘conditioned’ by them” (1952, p. 110); e completando, “personality shapes and changes culture but is in turn shaped by culture” (1952, p. 114).

Para os fins deste trabalho, então, por cultura, no que diga respeito à tradução e seus públicos, entender-se-á o conjunto de interesses, instrumentos, práticas, noções, limites, expectativas, relações de forças e quaisquer outros elementos que, articulados, conformem o traduzir, a tradução e as expectativas das partes mais diretamente interessadas em seus processos e resultados. Analogamente, referências a cultura ou culturas serão referências a grupos humanos que procuram preservar sua identidade e sua coesão pelo compartilhamento interno de interesses, instrumentos, práticas, noções, expectativas, relações de forças e quaisquer outros elementos afins que promovam a identidade e a coesão desejadas.

### 3.2.1

#### **A relação das culturas em geral com a tecnologia**

No mundo ocidental e em boa parte do oriental, a um período de desencanto com a então chamada “modernidade” depois do fim da Primeira Guerra Mundial (associada à destruição em massa possibilitada por produtos da tecnologia bélica) seguiu-se e segue-se uma época de entusiasmo cada vez maior com as facilidades proporcionadas pelos desenvolvimentos tecnológicos, que por sua vez estão estreitamente associados a condicionantes socioculturais. Aliás, sobre o que tem a tecnologia de cultural, Arnold Pacey (1983) afirma:

(...) there are values which influence the creativity of designers and inventors. These, together with the various beliefs and habits of thinking which are characteristics of technical and scientific activity, can be indicated by talking about an ideological or *cultural aspect* of technology-practice. There is some risk of ambiguity here, because strictly speaking, ideology, organization, technique and tools are all aspects of the culture of a society. But in common speech, culture refers to values, ideas, and creative activity, and it is convenient to use the term with this meaning (Pacey, 1983, p. 5)

Hoje em dia, portanto, é praticamente impossível não reconhecer a relação com a tecnologia como um princípio cultural preponderante nas diferentes sociedades. É preciso lembrar, todavia, que uma sociedade não é uma entidade monolítica e homogênea, mas constituída de subgrupos sociais que podem variar de matizes na mesma medida da tolerância do grupo social maior a essas variações, que podem ir desde os microgrupos literários como, por exemplo, os leitores de um determinado tipo de literatura como a “cyberpunk” de Philip K. Dick, até macrogrupos religiosos, profissionais, sociais, nacionais e étnicos.

No âmbito das atividades profissionais, temos grupos sociais menores formados por médicos, professores, advogados e assim vão, todos eles consistindo em outros subgrupos menores reunidos em torno de peculiaridades de prática, estudo, propósitos, públicos e outras. Com os tradutores e seus públicos não é diferente. Não pretendo descrever minúcias das forças que agregam os tradutores e seus públicos em grupos com culturas características. Além disso, mesmo reconhecendo que grupos socioculturais de tradutores e seus públicos consistem em componentes heterogêneos, lembro a aceção de cultura como reunião de interesses gerais, que esta dissertação considera e que está mais detalhada acima.

### 3.2.2

#### A cultura tradutória e a tecnologia

Este trabalho parte do princípio de que tradução e tecnologia são indissociáveis, pois foi a partir da criação do primeiro instrumento tecnológico de entalhar ou rabiscar que a tradução pôde surgir como atividade. Afinal, antes disso, só havia os intérpretes. A evolução da tradução como atividade, portanto, está intimamente ligada à evolução tecnológica das ferramentas de escrever e de preservar o que foi escrito, bem como dos meios tecnológicos de duplicar e disseminar textos traduzidos. Da pedra ao papel, da pena à máquina de escrever, da copiagem manuscrita dos monges à prensa de tipos móveis de Gutenberg, cada

inovação tecnológica com reflexos na escrita, na composição de compêndios de textos ou em sua distribuição trouxe consigo novas possibilidades de traduzir que de alguma forma mudariam a dinâmica da relação entre tradutor, tradução e públicos de traduções, especialmente em termos de quantidade, alcance e tempo até a disponibilidade da tradução. No bojo da Revolução Industrial, de finais do século dezoito até meados do século dezenove, os tradutores sentiriam um aumento da demanda de seus serviços, tanto na tradução de textos mercantis, associados ao comércio internacional, quanto na de textos literários e jornalísticos, que passaram a alcançar seus leitores com menor demora. A invenção do linotipo, em 1886, seria um marco de produtividade e facilitação da divulgação de textos impressos. Algumas décadas mais tarde, o advento dos meios eletrônicos de confecção e distribuição de textos e o uso do computador em seu processamento e armazenamento seriam associados a possibilidades de menor tempo de tradução e maior volume de texto traduzido. Mas nada causaria tanto impacto na atividade de traduzir quanto a quase simultaneidade de dois eventos marcantes nos caminhos da humanidade: a culminância do processo de globalização da economia mundial, que citamos na introdução deste trabalho, e o início dos avanços tecnológicos significativos e frequentes na área da microcomputação, tudo em finais da década de 1980 e início da década de 1990.

A intensificação do fenômeno da globalização despertou grande interesse pela tecnologia como facilitadora da comunicação. Expectativas foram criadas em relação aos processos e resultados dessa facilitação, dependendo das características e possibilidades dos diferentes meios desenvolvidos para esse fim. A tradução como comunicadora e seus aspectos tecnológicos não ficariam imunes, nem impunes a essas expectativas. Lembrando Michael Cronin (2003), longe de ser um derivado, a tradução é parte integrante dos próprios mecanismos que operam a globalização e lhe dão sentido (p. 34). No mesmo momento, novas tecnologias de microprocessamento de dados puseram o poder da computação eletrônica ao alcance do tradutor comum. Sistemas pessoais de processamentos de dados, os *desktops*, tornaram nomes como Apple e Intel tão conhecidos quanto as marcas mais populares de eletrodomésticos, como mostra o anúncio reproduzido na Figura 19 abaixo. Aos poucos, sai de cena a máquina de escrever e assumem o palco os processadores de texto, como o WordStar, da MicroPro International (Figura 20),

que em termos de popularidade foi o precursor do hoje onipresente Word, da Microsoft.

**Apple Introduces the First Low Cost Microcomputer System with a Video Terminal and 8K Bytes of RAM on a Single PC Card.**

The Apple Computer. A truly complete microcomputer system on a single PC board. Based on the MOS Technology 6502 microprocessor, the Apple also has a built-in video terminal and sockets for 8K bytes of on-board RAM memory. With the addition of a keyboard and video monitor, you'll have an extremely powerful computer system that can be used for anything from developing programs to playing games or running BASIC.

Combining the computer, video terminal and dynamic memory on a single board has resulted in a large reduction in chip count, which means more reliability and lowered cost. Since the Apple comes fully assembled, tested & burned-in and has a complete power supply on-board, initial set-up is essentially "hassle free" and you can be running within minutes. At \$666.66 (including 4K bytes RAM!) it opens many new possibilities for users and systems manufacturers.

**You Don't Need an Expensive Teletype.**

Using the built-in video terminal and keyboard interface, you avoid all the expense, noise and maintenance associated with a teletype. And the Apple video terminal is six times faster than a teletype, which means more throughput and less waiting. The Apple connects directly to a video monitor (or home TV with an inexpensive RF modulator) and displays 960 easy to read characters in 24 rows of 40 characters per line with automatic scrolling. The video display section contains its own 1K bytes of memory, so all the RAM memory is available for user programs. And the

Keyboard Interface lets you use almost any ASCII-encoded keyboard. The Apple Computer makes it possible for many people with limited budgets to step up to a video terminal as an I/O device for their computer.

**No More Switches, No More Lights.**

Compared to switches and LED's, a video terminal can display vast amounts of information simultaneously. The Apple video terminal can display the contents of 192 memory locations at once on the screen. And the firmware in PROMS enables you to enter, display and debug programs (all in hex) from the keyboard, rendering a front panel unnecessary. The firmware also allows your programs to print characters on the display, and since you'll be looking at letters and numbers instead of just LED's, the door is open to all kinds of alphanumeric software (i.e., Games and BASIC).

**8K Bytes RAM in 16 Chips!**

The Apple Computer uses the new 16-pin 4K dynamic memory chips. They are faster and take 1/4 the space and power of even the low power 2102's (the memory chip that everyone else uses). That means 8K bytes in sixteen chips. It also means no more 28 amp power supplies.

The system is fully expandable to 65K via an edge connector which carries both the address and data busses, power supplies and all timing signals. All dynamic memory refreshing for both on and off-board memory is done automatically. Also, the Apple Computer can be upgraded to use the 16K chips when they become available. That's 32K bytes on-board RAM in 16 IC's—the equivalent of 256 2102's!

**A Little Cassette Board That Works!**

Unlike many other cassette boards on the marketplace, ours works every time. It plugs directly into the upright connector on the main board and stands only 2" tall. And since it is very fast (1500 bits per second), you can read or write 4K bytes in about 20 seconds. All timing is done in software, which results in crystal-controlled accuracy and uniformity from unit to unit.

Unlike some other cassette interfaces which require an expensive tape recorder, the Apple Cassette Interface works reliably with almost any audio-grade cassette recorder.

**Software:**

A tape of APPLE BASIC is included free with the Cassette Interface. Apple Basic features immediate error messages and fast execution, and lets you program in a higher level language immediately and without added cost. Also available now are a dis-assembler and many games, with many software packages, (including a macro assembler) in the works. And since our philosophy is to provide software for our machines free or at minimal cost, you won't be continually paying for access to this growing software library.

The Apple Computer is in stock at almost all major computer stores. (If your local computer store doesn't carry our products, encourage them or write us direct). **Dealer inquiries invited.**

**Byte into an Apple ..... \$666.66\***  
\*includes 4K bytes RAM

**APPLE Computer Company • 770 Welch Rd., Palo Alto, CA 94304 • (415) 326-4248**

Figura 19. Anúncio do lançamento de um sistema de microcomputação de baixo custo da Apple no início da década de 1980. Fonte: <https://goo.gl/ToHrab> (acessada em dezembro de 2016)



# Can your word processor pass this screen test?



WordStar™ software does\*! And does it better than any other word processing system. Not only do you get all the sophisticated features you'd expect from the high-priced WP system, with WordStar you have a true screen image of what your printout will look like **before you print it!** With WordStar, you'll erase, insert, delete and move entire blocks of copy. Page breaks are displayed and automatically revised on the screen. You can specify enhancements like underlining and boldfacing, and much more.

And WordStar's so much easier to learn because of its unique and extensive self-help menus. Every typist in your office can be an instant screen star. Call (415) 457-8990 and ask for a copy of our WordStar demonstration booklet. Remember, when you're the star, we're the star.

**MicroPro**  
INTERNATIONAL CORPORATION  
**The Star Maker**

MicroPro International Corporation  
1299 4th Street, San Rafael, CA 94901  
(415) 457-8990 TELEX 340388  
Sold through authorized dealers and distributors only. OEM inquiries invited.

\*Runs on most 280/8080/8085 microcomputers with CP/M (TM of Digital Research), 48K, and terminal with addressable cursor.

Figura 20. Anúncio do WordStar, meados da década de 1980. Fonte: <https://goo.gl/GY4Qg0> (acessada em dezembro de 2016)

Valendo-se, então, dos novos recursos tecnológicos à disposição dos tradutores, empresas de desenvolvimento de *software* de auxílio à tradução buscaram uma maneira de aumentar a produtividade dos tradutores com a menor perda possível da qualidade dos textos associados aos seus produtos. Bert Esselink (2000) nota que essa busca incluía a necessidade de manter a coerência dos dados linguísticos circulantes em um número crescente de idiomas e países. Essa

necessidade, aliada à maior disponibilidade de sistemas computadorizados domésticos e ao aumento das capacidades de processamento de dados, fomentou o aparecimento das primeiras traduções auxiliadas por computador, chamadas CAT (*Computer-Aided Translation* ou *Computer-Assisted Translation*), como são conhecidas até hoje. Em seu cerne, estavam as ferramentas de memórias de tradução, ou TM (*Translation Memory*), uma ferramenta de *software* que armazena o texto-fonte e o texto resultante da tradução, para que esta possa ser reutilizada, com ou sem aperfeiçoamentos, em traduções posteriores, segundo o nível de similaridade determinado por uma comparação entre os textos-fontes envolvidos.

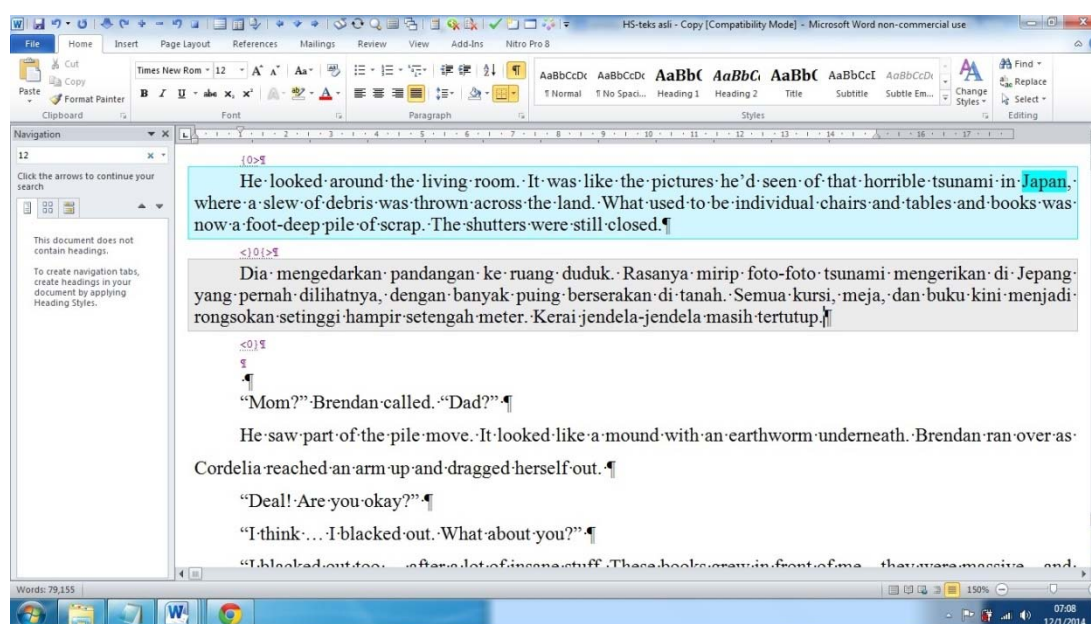


Figura 21. Ferramenta de CAT (no caso, o Wordfast Classic) trabalhando em ambiente Word.  
Fonte: <https://goo.gl/L7PEyY> (acessado em 10/01/2017)

Originalmente concebidas para trabalhar dentro do Microsoft Word como “macro” (sequência de comandos ou conjunto de instruções em linguagem de programação dentro do próprio processador de texto), como mostra a Figura 21 acima, hoje suas versões mais populares trabalham com interface própria, como mostrado na Figura 22 abaixo. Nessa figura é exibido um texto originalmente preparado em Word que aparece processado em uma tela de ferramenta de auxílio à tradução, o MemoQ, com o resultado oferecido pela ferramenta após analisar e traduzir previamente o texto de forma proporcional, com base em percentuais de similaridade encontrados em uma TM. Note-se que o segmento nº 298 não apresenta nenhuma tradução para o inglês porque a ferramenta não encontrou, na

TM, nenhum segmento<sup>17</sup> que mantivesse qualquer grau de semelhança com o segmento a ser traduzido no novo documento. Tampouco a ferramenta trabalhava em sincronia com ferramenta de tradução de máquina.

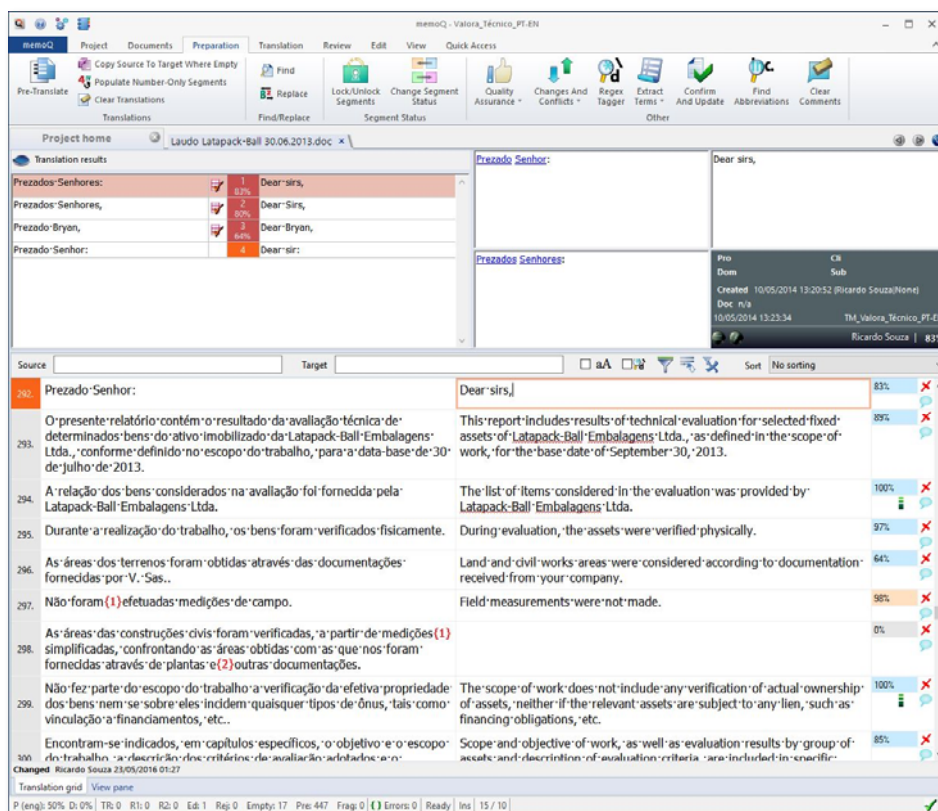


Figura 22. Tradução em ferramenta de CAT (MemoQ) com interface própria, sem intervenção de tradução de máquina. Fonte: captura de tela própria.

A popularização das memórias de tradução marcou o que alguns estudiosos, como Minako O'Hagan, chamam de “virada tecnológica” da tradução, em analogia à virada cultural que marcou os Estudos da Tradução na década de 1970 (2013, p. 503). Contudo, como registra Stephen Doherty (2016), a virada tecnológica não recebeu a mesma atenção calorosa que os estudos da tradução, como disciplina e área de pesquisa, deram a outras mudanças de paradigma em seu seio (2016, p. 952), mesmo admitindo-se, como o faz Mary Snell-Hornby, que as mudanças introduzidas na forma de o tradutor trabalhar tenham sido profundas e radicais (2006, p. 128-134).

<sup>17</sup> Não confundir segmento com palavra, oração ou frase. Segmentos são unidades mínimas de tradução definidas pelo tradutor ou pelo cliente do tradutor. Geralmente são demarcados por pontuação de final de frase, porém aceitam outras configurações como, por exemplo, de uma página inteira, popular entre tradutores literários.



Dentre as tecnologias da tradução, uma atenção especial deve ser dada aos sistemas de tradução de máquina, por suas implicações para o traduzir como atividade humana e social e para a tradução como profissão. Embora a criação de uma máquina física de traduzir já fizesse parte do “imaginário tecnológico” mundial havia séculos, como nos anseios de Descartes, mencionados por John W. Hutchins (1986, p. 21), por um decifrador de equivalências linguísticas, foi somente na década de 1950, como também nos informa Hutchins (2010), que os primeiros resultados de um sistema de tradução de máquina foram apresentados ao público. Por motivos de custo e falta de capacidade de computação, novas tentativas de produzir sistemas automáticos de tradução foram esparsas, até o já mencionado aumento das capacidades de processamento computadorizado de dados. Com isso, veio uma redução no custo por *bit* processado e as pesquisas ganharam novo ânimo. Como resultado, a tradução de máquina, conhecida internacionalmente pela sigla MT (*Machine Translation*), assumiu, em pouco mais de duas décadas, a proporção e o enfoque que tem hoje, principalmente quando posta para trabalhar em conjunto com as memórias de tradução, como ilustra a Figura 23 abaixo. . O segmento 298, com a caixa rosa, foi traduzido pela ferramenta de MT da Google (Google Translate).

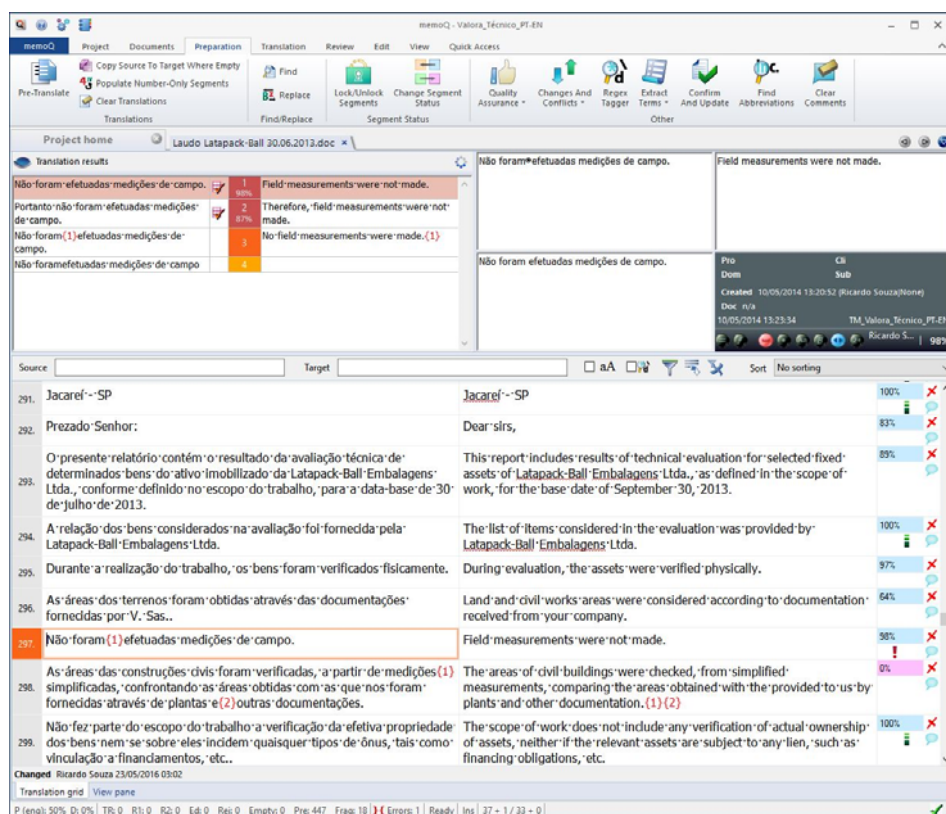


Figura 23. Tradução em ferramenta de CAT (MemoQ) com interface própria. Fonte: captura de tela própria

Aqui cabe uma rápida observação sobre a ferramenta de tradução de máquina Google Translate. Trata-se de ferramenta de tradução de máquina geral e aberta ao público e, portanto, não constitui o estado da arte dessa tecnologia em termos de eficiência de resultados. Esse posto pertence aos sistemas privados de tradução de máquina, que são especializados por área de tradução e trabalham estritamente controlados por usuários específicos — como os que hoje operam na Xerox, Volkswagen, IBM e União Europeia, entre dezenas de outras instituições do mesmo porte.

Vemos, então, que a cultura tradutória cada vez mais está envolvida com recursos de tradução de alta tecnologia e que esse envolvimento não é apenas consequência de evoluções tecnológicas, mas está atrelado ao atendimento de necessidades criadas por eventos cujas consequências os tradutores e os demandantes de traduções compartilham. Sendo assim, se aceitamos que tanto as partes interessadas na tradução quanto os meios de tradução compõem uma rede de atores em relações transformadoras não hierárquicas de *feedbacks* mútuos, pergunta-se: poderíamos dizer que as expectativas de resultados que emergem dessa rede tradutória podem ser determinantes dos rumos e dos parâmetros que a própria rede adotará? Os Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade pensam que sim.

### 3.2.3

#### Um relacionamento de expectativas

Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade, também conhecidos como CTS, formam uma área em que estudiosos de diferentes disciplinas tentam expandir o conhecimento sobre as implicações da ciência e da tecnologia através de explorações históricas, sociais, culturais, filosóficas e mesmo materiais. No terreno das expectativas, Mads Borup, Nik Brown, Kornelia Konrad e Harro Van Lente acreditam que expectativas desempenham um papel na conformação e nas transformações científicas e tecnológicas (2006, p. 285), e afirmam:

Such expectations [about science and technology] can be seen to be fundamentally "generative", they guide activities, provide structure and legitimation, attract interest and foster investment. They give definition to roles, clarify duties, offer some shared shape of what to expect and how to prepare for opportunities and risks. (2006, p. 285-286)

Em trabalho anterior (2003), Brown e Van Lente, juntamente com Arie Rip, já haviam definido a expectativa tecnológica (tanto quanto a científica) como fenômeno digno de estudo (2003, p. 1) e que estudiosos e praticantes de uma atividade têm muito a aprender, uns com os outros, sobre as dinâmicas das expectativas e seus ciclos de promessas e desapontamentos (2003, p. 1). Particularmente interessante para este trabalho é o caráter instaurador que os pesquisadores veem na dinâmica das expectativas, quando dizem que estas podem ser instauradoras como uma promessa (2003, p. 3); que declarar uma expectativa leva a *reações* (destaque meu) e à ideia de que o declarante deve justificar a expectativa (2003, p. 3); e que a dinâmica das expectativas é claramente constitutiva (2003, p. 3).

Antes de partirmos, porém, para verificar como a dinâmica das expectativas se manifesta nas formas de abordar as tecnologias da tradução na formação acadêmica do tradutor, precisamos, mais uma vez e apenas por um momento, deixar de lado a cultura da tradução e olhar para a relação geral das culturas com a tecnologia. Já dissemos que essa relação é marcada, entre outros fatores, por expectativas de que a tecnologia traga benefícios e vantagens percebidos como progresso. Aqui, “perceber” é o termo fundamental. Geralmente, as pessoas tendem a perceber uma tecnologia como vantajosa ou desvantajosa antes de entendê-la de fato. Tanto é assim que, em 1989, foi criada por Davis, Bagozzi e Warshaw a teoria do modelo de aceitação da tecnologia conhecido como TAM (*Technology Acceptance Model*), empregado para avaliar a aceitação e o uso de uma tecnologia. Segundo o modelo, vários fatores influenciam a decisão de como e quando uma tecnologia será usada, principalmente: utilidade percebida, ou PU (*Perceived Usefulness*), que Davis definiu como o grau em que alguém acredita, mesmo sem de fato saber, que o uso de uma determinada tecnologia melhorará seu desempenho em uma tarefa; e facilidade de uso percebida, ou PEOU (*Perceived Ease-Of-Use*), definida como o grau em que alguém acredita, mesmo sem saber, que o uso de uma determinada tecnologia não demandará esforço. O modelo está representado graficamente na Figura 24. É importante ressaltar que, embora haja críticas no que tange a uma aplicação geral do modelo, principalmente em seu aspecto comportamental (comportamentos são imprevisíveis), a simples existência do modelo e o fato de ser, até hoje, o mais usado em sua forma depois de criticado, o

TAM 2, na avaliação da receptividade de uma tecnologia, mostra o quanto a percepção dos benefícios de uma tecnologia é essencial para sua aceitação.

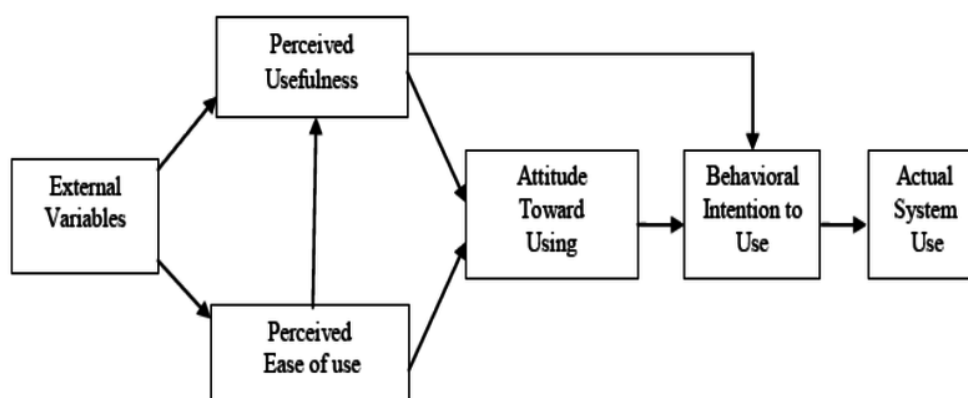


Figura 24. Representação gráfica do TAM. Fonte: ResearchGate (<https://goo.gl/07ESAF>, acessado em 25/12/2016)

Voltando para a cultura tradutória, podemos começar a entender como o modo de tratar a tecnologia pode ditar a percepção que tradutores e públicos da tradução poderão ter da relevância da universidade como pronta para capacitar o tradutor a atender as expectativas inerentes à sua relação com os públicos da tradução.

Como registra Marcia A. P. Martins, os estudos da tradução levaram cerca de trinta anos até conseguirem “firmar-se como uma nova e importante área de conhecimento, capaz de desenvolver suas próprias teorias, metodologias e instrumentos de pesquisa” (2006, p. 26), ressaltando, ainda — como fruto do aumento de demanda de diferentes formas de tradução (localização, tradução para legendagem e outras) e das transformações sofridas pela atividade —, a proposta de Kiraly (1995) para uma expansão do conceito de tradução, de modo a “englobar outras habilidades que não a de simplesmente compreender bem um texto produzido em um dado idioma e vertê-lo satisfatoriamente para outro” (2006, p. 28). No mundo acadêmico, o surgimento da Tradumática como disciplina e como conceito é representativo da disposição de englobar outros conhecimentos.

O nome Tradumática, cunhado em 1999 na Faculdade de Tradução e Interpretação Autônoma de Barcelona, diz respeito à informática aplicada à tradução, uma espécie de subdisciplina do ramo aplicado dos Estudos da Tradução que vem sendo vista, por muitos estudiosos e interessados, como disciplina de pleno direito, conforme alerta Doherty (2016, p. 952). Isso pode ser revelador de uma deficiência da abordagem à tecnologia, percebida por públicos da tradução, por

parte dos cursos universitários de tradução anteriores à fundação da Tradumática. Estivessem esses cursos atendendo as expectativas dos ditos públicos da tradução no que tange à tecnologia, a definição de uma disciplina nova e *autônoma* não teria razão de ser.

Outro forte sinal de percepção do que pode ser uma insuficiência dos cursos universitários de tradução no que se refere às tecnologias da tradução pode ser encontrado na figura abaixo, que reproduz a imagem de uma apresentação da OPTIMALE, iniciativa da União Europeia criada em 2010 e encerrada em 2013, voltada para a otimização da preparação de tradutores através da “preparação de preparadores” (*train the trainer*).

**OPTIMALE: what it stands for**

- **OPTIMISing:**
  - Optimising the translator training with reference to the EMT standards (European Master's in Translation: 34 Master's degree programmes in 2009 ; 54 in 2011)
- **oPTimising:**
  - Not about language degrees
  - Not about « translation studies » only, but professional translator training
- **MALE:**
  - In a multilingual Europe

[ 6 ]

Figura 25. OPTIMALE: not about “translations study only”, but... Fonte: OPTIMALE (<https://goo.gl/6idANR> – Acesso em 10/01/2016)

Uma das consequências mais notáveis do modo como a universidade pode estar encarando a relação entre tradução e tecnologia de forma insuficiente é o deslocamento do eixo de produção de conhecimentos sobre a matéria da universidade para os centros empresariais. A tabela abaixo, por exemplo, mostra os vinte e três principais sistemas de tradução de máquina publicamente disponíveis na atualidade.

Name	Platform	Type of License
Xerox Easy Translator by Xerox Easy Translator Service	Cross-Platform (Web Application)	Commercial
Tauyou by Tauyou Language Technology	Cross-Platform (Web Application)	Commercial
KantanMT.com by Xcelerator Machine Translations Ltd.	WEB, Windows, MAC, Linux	Commercial
Slate by Precision Translation Tools	Windows, Linux (i86-64)	LGPL, GPL, AGPL
Omniscien Technologies Language Studio	Windows, Linux, Web	Proprietary software
Apertium	Unix compatible Precompiled packages available for Debian	GPL
Anusaaraka	Unix compatible	GPL
IBM	Cross-platform	Proprietary software
lingenio translate	Windows Web-Application iOS, Android]	Commercial
OpenLogos	Windows, Linux	GPL or Paid initiative taker
Moses (machine translation)	Cross-platform	LGPL
Moses for Mere Mortals	Ubuntu Linux	GPL
NiuTrans	Cross-platform	GPL
Google Translate	Cross-platform (Web application)	SaaS
Bing Translator	Cross-platform (Web application)	SaaS
Yandex.Translate	Cross-platform (Web application)	SaaS
SAIC Omnifluent	Windows, Linux, Web, iOS	Commercial License, Server, SaaS
SYSTRAN	Cross-platform (Web application)	Proprietary software
GramTrans	Cross-platform (Web application)	Freeware
Prompt	Cross-platform (Web application)	Proprietary software
SDL Language Weaver	Cross-platform (Web application)	Commercial
Babylon	Windows, Mac	Proprietary software
IdiomaX	Windows, Symbian S60, Windows Mobile	Proprietary software
Transsoftware	Windows	Proprietary software

Tabela 3. Aplicativos de tradução de máquina mais populares. Fonte: Wikipédia  
(<https://goo.gl/5XFXcW>, último acesso em 20/12/2016)

Dos sistemas na tabela, apenas cinco (Yandex, NiuTrans, Moses, GramTrans e Apertium) tiveram universidades envolvidas em sua criação para fins de estudos acadêmicos diversos. O desequilíbrio na competição pela atenção dos tradutores e dos pretendentes a tradutor é patente, o que agrava uma percepção, entre as várias partes interessadas na tradução, da tecnologia como mero aparelhamento, isto é, tecnologia como instrumento e despida de seu aspecto humano, cultural e social. A propósito, já que falei de uma competição pela atenção dos tradutores, cumpre examinar que interesses os competidores defendem na disputa, como me proponho a fazer no capítulo a seguir.

## 4

### Universidade, mercado e seus respectivos interesses

Como foi dito, este trabalho pretende explorar um caminho possível para a abordagem aos vínculos entre tecnologia e tradução por parte dos cursos universitários de tradução. Assim, é interessante que este capítulo explique de que modo entendo o papel histórico da universidade, sem perder de vista sua presença como ator em uma rede de relacionamentos transformadores (na concepção da TAR e conforme os *feedbacks* reguladores propostos por Wiener) com as comunidades profissionais e sociais que atende. Depois disso, poderemos ensejar uma discussão sobre como enfatizar esse papel em um contexto de necessidades e expectativas de competências tecnológicas do tradutor. O dito contexto será delineado a partir de a) uma descrição do interesse geral da comunidade acadêmica pela convivência entre humanidades e tecnologia — personificado pelos estudos das Humanidades Digitais — e de b) um panorama de tendências do setor de traduções em nível mundial — com base em dados levantados do mercado. Essa discussão servirá de base para a sugestão de uma abordagem da tecnologia nos cursos universitários de tradução que preserve a natureza reflexiva da formação acadêmica e a distinga de instituições que treinam tradutores, porém sempre considerando as necessidades profissionais<sup>18</sup> dos estudantes.

#### 4.1

##### A universidade definida por sua relação com o conhecimento

Nos últimos quinhentos anos, a instituição que conhecemos como “universidade” esteve estreitamente ligada ao desenvolvimento da Humanidade. Seu próprio nome<sup>19</sup> remete a um conceito que a associa à busca de um conhecimento universal e virtualmente sobre tudo. Historicamente, sua existência se justifica pela criação e disseminação do conhecimento, seja pela educação de

---

<sup>18</sup> Por necessidade profissional entendo aquilo que é preciso para atender necessidades do mercado de trabalho em termos de qualidades e habilidades.

<sup>19</sup> Do lat. *universitas*, “universalidade, totalidade” (Houaiss, 2009).



novas gerações de pesquisadores, seja pela transferência do conhecimento para a sociedade. A linha mestra de sua organização em torno do conhecimento, no entanto, nem sempre foi ponto pacífico.

Em finais do século dezoito, Immanuel Kant argumentava em favor de uma universidade norteada exclusivamente por parâmetros da razão. Falando sobre a argumentação de Kant, Bill Readings (1996) destacou:

Reason on the one hand, provides the ratio for all the disciplines; it is their organizing principle. On the other hand, reason has its own faculty, which Kant names ‘philosophy’ but which we would now be more likely to call the ‘humanities’. (Readings, 1996, p. 15)

Para Kant, duas grandes forças motrizes da sociedade, o conhecimento e o poder (personificado pelo estado) poderiam consubstanciar-se na universidade através da produção individual guiada pelo pensamento racional aliado a ideais republicanos. O discurso de Kant reflete uma preocupação com a questão em torno de uma razão pública reguladora, que seria garantidora de regimes estáveis, sustentáveis e capazes de governar um povo livre, em oposição ao mando tradicional da monarquia e da Igreja. Para tanto, a universidade, enquanto produtora de conhecimento, deveria ser guiada e supervisionada pelos acadêmicos da filosofia, a fim de assegurar que permanecesse racional.

Um pensamento interessante: sendo a época de Kant um momento de crescimento da cultura impressa, sua defesa de uma universidade voltada para a razão e a estabilidade pode ser vista como uma reação a possíveis efeitos desestabilizadores de uma maior dispersão do conhecimento viabilizada pelas inovações tecnológicas daqueles tempos.

Em contraste com Kant, idealistas alemães, como Friedrich Schiller e Alexander von Humboldt, proporiam no século dezenove um modelo de universidade que prescrevia a substituição da razão pela cultura como eixo, pois esta seria própria para promover uma “função unificadora da universidade” (Readings, 1996, p. 15). Para aqueles idealistas, a cultura seria resultado do somatório do conhecimento, além de ser o objeto de um estudo que suscitaria o cultivo e o desenvolvimento do caráter do indivíduo. Humboldt, inclusive, viria a propor a fundação de uma Universidade de Berlim que serviria de *mediadora* entre a cultura e o estado. Consoante seu papel, essa instituição teria na cultura o trampolim para lançá-la à produção e à disseminação do conhecimento, ou seja, à

pesquisa e ao ensino. Assim, essa concepção de universidade a desenhou como instituição de destaque na unificação de tradições nacionais pautada pela racionalidade na abordagem do mundo, visando criar o que seria um indivíduo culturalmente educado. Como diz Readings (1996), essa não é mais a universidade que produz servos do estado, mas sujeitos que dominam a aquisição do conhecimento como atividade autônoma (p. 67).

A essa noção da universidade direcionada pela cultura sobreveio o projeto da universidade literária. Concebido pelos ingleses, seus proponentes, notadamente Mathew Arnold e John Henry Newman, argumentavam que não é a filosofia, nem a cultura, mas sim a literatura a merecedora de um destaque, que seria específico na universidade e geral no âmbito da cultura nacional.<sup>20</sup> A literatura, então, como diz Readings (1996), é institucionalizada na universidade em termos “explicitamente nacionais e através de uma visão orgânica da possibilidade de uma cultura nacional unificada” (p.16).

Com o passar do tempo, mudanças sociais, econômicas e políticas viriam a contestar as concepções do papel da universidade não só em termos da produção e da divulgação do conhecimento, mas também da variedade de suas preocupações. Clark Kerr (1963) lembra que, na medievalidade, o termo “universidade” se referia àquilo que era inicialmente uma comunidade de professores e alunos (p. 1) reunidos em torno de interesses comuns (p. 19). Com o tempo, esses interesses passaram a ser variados e até conflitantes (p. 19), levando a um perfil da instituição que a caracteriza como o que Kerr chamou de *multiversidade*. Interessante para nossa discussão é a observação feita por Kerr de que a multiversidade entabula uma relação com muitos públicos de muitos interesses, dos mais frívolos aos mais legítimos (p. 27):

The ends [of the university] are already given — the preservation of the eternal truths, the creation of new knowledge, the improvement of service wherever truth and knowledge of high order may serve the needs of man. The ends are there; the means must be ever improved in a competitive dynamic environment. There is no single “end” to be discovered; there are several ends and many groups to be served. (Kerr, 1963, p. 38) (os grifos são meus)

A visão de Kerr da universidade como um ambiente multifacetado e conflituoso é reforçada pela descrição que o autor faz do administrador da

---

<sup>20</sup> A esse respeito, a obra *The Idea of a University* (1873), de Newman, em seu capítulo dois, “Literature: a Lecture in the School of Philosophy and Letters”, é exemplar.

instituição, a quem chama de *mediador* (p. 36) entre valores passados, realidades presentes e perspectivas futuras (p. 37). Um *árbitro* que deve promover não apenas a harmonização de interesses, mas sua transformação em sinergias para que a universidade possa servir, de forma plena e simultânea, a uma gama cada vez maior de conhecimentos e de públicos (p. 37). Essa visão de Kerr o distancia daquela universidade voltada *apenas* para a investigação e a produção do conhecimento, exaltada por Newman em meados do século dezenove. Por outro lado, o aproxima da universidade ocupada tanto com a pesquisa científica quanto com a construção de competências profissionais, preconizada por Abraham Flexner nas primeiras décadas do século vinte<sup>21</sup>, mais afim daquela que conhecemos hoje.

Como seria esperável, há críticas a essa perspectiva sobre a universidade como instituição que deva considerar demandas externas a si ao traçar seus caminhos. Todavia, no âmbito estrito da tradução e com base em minha experiência de tradutor, de professor de tradutores e de membro de associações de tradutores e de grupos de discussão sobre tradução — além dos dados da pesquisa de Katan (2009) na seção 2 —, reconheço a existência dessas demandas, que podem ser determinantes na percepção da relevância da universidade como formadora de tradutores. Sendo assim, seria interessante para um curso universitário buscar o atendimento dos anseios dos públicos que lhe garantem a sobrevivência — seja pela continuidade através de novos discentes, seja pela atração de recursos provenientes de parcerias. Essa busca, todavia, não deveria perder de vista o entendimento essencial da universidade como promotora da reflexão, pois seria exatamente isso que a destacaria em relação a outras fontes provedoras de conhecimentos profissionais.

## 4.2

### **Cursos universitários: sempre superiores, nem sempre acadêmicos**

A propósito dos conhecimentos profissionais, é essencial esclarecer a distinção que este trabalho acolhe entre cursos superiores *acadêmicos* e cursos superiores *profissionalizantes*. Na tentativa de delinear o diferencial que a

---

<sup>21</sup> O trabalho de Flexner, realizado entre a primeira década do século vinte e a década de 1950, inicialmente voltado para o ensino universitário da medicina nos Estados Unidos e no Canadá, seria extrapolado para servir de modelo a instituições de nível superior voltadas para o ensino e a pesquisa. O Instituto de Pesquisas Avançadas, em Princeton, fundado pelo próprio Flexner, é um exemplo dessa extrapolação.

universidade tem a oferecer em termos de formação do profissional tradutor, acredito que o ideal seja partir de uma diferenciação de propósitos dos cursos. Nesse aspecto, o propósito do curso profissionalizante (*training*) é prover o aluno de habilidades de cunho prático que lhe serão exigidas pelos diferentes mercados de trabalho. No Brasil, esses cursos eram oferecidos apenas por instituições do ensino médio ou pelos chamados cursos livres. Entretanto, a necessidade de profissionais eminentemente práticos no domínio da tecnologia, porém com capacidades administrativas adicionais, fez com que fosse criado em nosso país, em finais da década de 1980 e início da década de 1990, o tecnólogo, um profissional com treinamento recebido em instituições de nível superior, porém sem preocupações com a pesquisa acadêmica ou o desenvolvimento do conhecimento teórico.

Em entrevista ao site Administradores.com (2013), segundo Denis Carmassi, a época diretor do Instituto Brasileiro de Tecnologia Avançada (IBTA), o que distinguiria um tecnólogo (formação superior) de um técnico (formação média) seria o *verbo* empregado na descrição das atividades profissionais desempenhadas por cada um:

Os cursos técnicos e tecnológicos possuem, dentro de uma mesma área, atribuições diferentes, sendo que, para os técnicos, cabem verbos como executar e operar enquanto para os tecnólogos atribuem-se supervisionar, planejar, gerir. (<https://goo.gl/uV5Np1>)

Nesse mesmo sentido, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) descreve o curso de tecnólogo como “uma modalidade de graduação de nível superior, que se concentra em uma área específica do conhecimento e é voltada para o mercado de trabalho” (<https://goo.gl/WNi2S>).

Portanto, existem cursos universitários que, embora de nível superior, não têm, por projeto, o mesmo compromisso com a crítica que tem a formação *acadêmica* por índole. Aliás, é importante deixar claro que não vai aqui nenhuma intenção de subestimar, muito menos desqualificar, os cursos de treinamento de tecnólogos. Sua menção neste trabalho visa apenas determinar que o curso universitário *acadêmico*, em seu sentido estrito, tem a oferecer aos públicos da tradução uma *competência crítica* que cursos de tradução com enfoque profissionalizante, mesmo que sejam ministrados por instituições de ensino superior, não têm.

### 4.3

#### A academia transformada pelo conhecimento digital

Atualmente, há pouca discordância quanto às mudanças introduzidas pela tecnologia digital nos métodos e processos da pesquisa acadêmica. O papel mediador — e, portanto, transformador — da tecnologia em relação à pesquisa está ficando cada vez mais evidente. Alguns chegam a alegar que essa mediação está mesmo mudando, aos poucos, o que se entende por levar a cabo uma pesquisa, ainda que o grau de mudança varie conforme a disciplina e o objeto da pesquisa. Embora o nível de dependência da tecnologia digital possa variar, o pesquisador, acadêmico ou não, que não faz uso da tecnologia digital em suas atividades de pesquisa está se tornando cada vez mais inusitado hoje em dia. As bibliotecas, com seu acervo de livros e documentos diversos, certamente que ainda são valiosos recursos para o pesquisador moderno fora das fontes de referência digitais, porém a agilidade proporcionada por bibliotecas digitais como a Google Livros — onde boa parte das obras de referência deste trabalho foram consultadas — e a disponibilidade de bancos de dados online vêm se tornando fundamentais para otimizar o tempo de investigação e facilitar a filtragem de dados utilizáveis. Como toda mudança de paradigma, esta não ficaria sem críticas, notadamente no que se refere à perda de habilidades tradicionais de pesquisa, notadamente aquelas relativas à exploração de fontes impressas. Outros estudiosos, porém, enxergaram a necessidade de entender os novos meios e deram boas-vindas a uma nova disciplina que ficaria conhecida como Humanidades Digitais.

Para as Humanidades Digitais, entender a flexibilidade dos formatos digitais é crucial, já que eles determinam uma nova maneira de lidar com representações e mediações da realidade, permitindo uma relação com o objeto de estudo de uma forma radicalmente nova. Para melhor entendimento, basta dizer que um dispositivo digital ou um computador exigem que as coisas do “mundo da nossa experiência”, como diria Toury, sejam transformadas em código digital a fim de serem entendidas. É uma transformação iniciada por um mecanismo tecnológico de entrada — por sua vez socialmente e culturalmente adaptado<sup>22</sup> — e concluída dentro de um dispositivo no qual é criado um modelo estável do objeto assim capturado. É uma transmutação que depende, ainda, de diferentes intervenções,

---

<sup>22</sup> Imagine-se, por exemplo, um teclado em alfabeto cirílico ou em braille.

processos e filtros para, finalmente, apresentar uma representação do objeto ao usuário do dispositivo, geralmente em formato visual. Com isso, são criadas situações no “mundo real” em que o processamento de um objeto de pesquisa passa a ser desencadeado por eventos específicos, relativos a processos individuais em que certas tarefas precisam ser divididas para serem concluídas. O importante, aqui, é entender que sem a possibilidade de uma codificação delimitadora, o dispositivo digital ou computador não terá um objeto para processar. Em outros termos, para que um computador possa trabalhar, é preciso que o objeto do seu trabalho seja transformado de um elemento inserido no fluxo da realidade em informação na forma de uma série de números que possam ser armazenados e manipulados por intermédio de algoritmos. Esse método de interpretação da realidade redundaria em novos conhecimentos e novos métodos de “controle” da realidade que as Humanidades Digitais viriam a considerar dignos de estudo.

Inicialmente com o nome de “computação nas ciências humanas” ou “computação das humanidades”, o que hoje conhecemos como Humanidades Digitais eram vistas como fonte de apoio técnico ao trabalho dos pesquisadores “de verdade” que conduziriam os projetos. Tudo se resumia ao mero emprego da eficiência computacional nas pesquisas das disciplinas das ciências humanas. Como Katherine Hayles (2011, s/p.) explica, a adoção do termo “Humanidades Digitais” deveria sinalizar que o campo emergira da condição de um serviço de apoio para se tornar um verdadeiro esforço intelectual, com as suas próprias práticas profissionais, padrões rigorosos e explorações teóricas convidativas. Ironicamente, conforme os projetos tornavam-se maiores e mais complexos, com técnicas computacionais transformadas em parte intrínseca do processo de pesquisa, os pesquisadores tecnicamente peritos viam cada vez mais o aspecto tecnológico da pesquisa como parte daquilo que significava fazer pesquisa no próprio campo das humanidades. A tecnologia computacional, então, tornou-se a própria condição viabilizadora e necessária para pensar muitas das questões levantadas hoje pelas ciências humanas. Como dizem Jeffrey Schnapp e Todd Presner (2009):

The first wave of digital humanities work was quantitative, mobilizing the search and retrieval powers of the database, automating corpus linguistics, stacking hypercards into critical arrays. The second wave is qualitative, interpretive, experiential, emotive, generative in character. It harnesses digital toolkits in the service of the Humanities’ core methodological strengths: attention to complexity, medium specificity, historical context, analytical depth, critique and interpretation. (p. 2)

Presner (2010) argumentaria, ainda, que:

(...) the first wave of Digital Humanities scholarship in the late 1990s and early 2000s tended to focus on large-scale digitization projects and the establishment of technological infrastructure, [while] the current second wave of Digital Humanities – what can be called ‘Digital Humanities 2.0’ – is deeply generative, creating the environments and tools for producing, curating, and interacting with knowledge that is ‘born digital’ and lives in various digital contexts.

While the first wave of Digital Humanities concentrated, perhaps somewhat narrowly, on text analysis (such as classification systems, mark-up, text encoding, and scholarly editing) within established disciplines, Digital Humanities 2.0 introduces entirely new disciplinary paradigms, convergent fields, hybrid methodologies, and even new publication models that are often not derived from or limited to print culture. (p. 6)

Permanece controversa a questão do como as Humanidades Digitais conduzem suas pesquisas e se as noções de suas primeira e segunda ondas captam o estado atual das diferentes práticas e métodos de trabalho na área das Humanidades Digitais. Ainda assim, são conceitos que podem ser úteis em uma análise das mudanças acontecidas nas Humanidades Digitais. Em suma, a primeira onda das Humanidades Digitais envolveu a construção de infraestruturas no estudo dos textos das ciências humanas através de repositórios digitais, marcação de texto, etc.; já a segunda onda expande os limites teóricos para incluir obras digitais, criando suas próprias metodologias para o estudo de materiais já nascidos digitais, como a literatura eletrônica (e-books), ficção interativa, artefatos baseados na web e assim por diante.

Como Presner (2010) também argumenta, configurou-se uma mudança nas normas que regem problemas, conceitos e explicações, bem como nas condições institucionais e conceptuais de possibilidade de geração, transmissão, acesso e preservação do conhecimento (p. 10). É uma questão que envolve a própria compreensão da cultura através da tecnologia digital, com reflexões sobre até que ponto é preciso entender os códigos computacionais que estão inseridos nos diversos aspectos de nossas vidas, incluindo a própria forma de a academia pensar. Como argumenta Mathew Fuller (2006), todo o trabalho intelectual passou a ser, em certa medida, um “estudo de software”, já que o software oferece meios e contexto. Ainda assim há poucos lugares onde a natureza específica e a pertinência do software são estudadas, a não ser em termos de engenharia. Como alertam Simone D. J. Barbosa e Bruno S. da Silva (2010), ao falarem de uma da interação entre seres humanos e artefatos computacionais, estudada pela disciplina conhecida

como IHC — Interação Humano-Computador:

A IHC se beneficia de conhecimentos e métodos de outras áreas de fora da Computação para conhecer melhor os fenômenos envolvidos no uso de sistemas computacionais interativos. Áreas como Psicologia, Sociologia e Antropologia contribuem para a aquisição de conhecimentos sobre cultura e o discurso dos usuários e sobre seus comportamentos no ambiente onde realizam suas atividades, sejam elas individuais ou em grupo. (p. 12)

Assim é que ainda há uma longa e ampla jornada rumo ao entendimento de como, de fato, a aceitação e o uso do software ordenam nossa relação com o “mundo *offline*”, incluindo o consumo e a crítica de produtos culturais, aceitando-se uma dimensão cultural na computação e reconhecendo-se a tecnologia como mediadora nessa dimensão.

#### 4.4

##### O mercado e suas necessidades

Quem hoje se dispõe a pesquisar sobre os rumos que a tradução poderá tomar em função da introdução de novas tecnologias em seus afazeres e assuntos, poderá se espantar com a ênfase geral na crescente necessidade de traduções. Contudo, para os fins deste trabalho, é interessante esclarecer o que representa o setor empresarial de traduções — o “mercado” — para uma abordagem acadêmica equilibrada entre reflexões sobre tecnologia e tecnologias da tradução. É preciso recordar que esse setor consiste em diferentes atores, desde escritórios de tradução de variados portes até empresas de localização e fornecedores de tecnologias de tradução. Salvo possíveis exceções, são instâncias de tradução cujos objetivos são financeiros e delas não se pode realisticamente esperar preocupações maiores com a tecnologia do que aquelas voltadas para a produtividade e avaliação. A universidade, em contrapartida, precisa reconhecer que essas mesmas preocupações podem ser fontes valiosas de *feedback*, em termos de volume e constância.

Uma vez, então, que este trabalho se propõe a chamar a atenção para a possibilidade de um estreitamento de relações entre universidade e tradutores através de um modo de abordar a tecnologia, é importante traçar um perfil — que chamarei de “econômico-tecnológico” — do já citado mercado de traduções. Para isso, recorrerei a duas publicações cujas informações de mercado norteiam as tomadas de decisões no setor: os relatórios setoriais da Common Sense Advisory (CSA) e da



TAUS (Translation Automation User Society)<sup>23</sup>.

A Common Sense Advisory é uma empresa especializada em compilar informações do setor de traduções e que se define como uma organização cujo enfoque está em “ajudar seus clientes a operacionalizar, demarcar, otimizar e inovar práticas recomendadas no setor de localização, interpretação, globalização e nacionalização”<sup>24</sup>. A Common Sense também está envolvida em pesquisas sobre ambientes de tradução de máquina voltados para o atendimento das necessidades de curto, médio e longo prazo do mercado, através de um projeto que chamam de *Augmented Translation*, tendo como protagonista o tradutor.

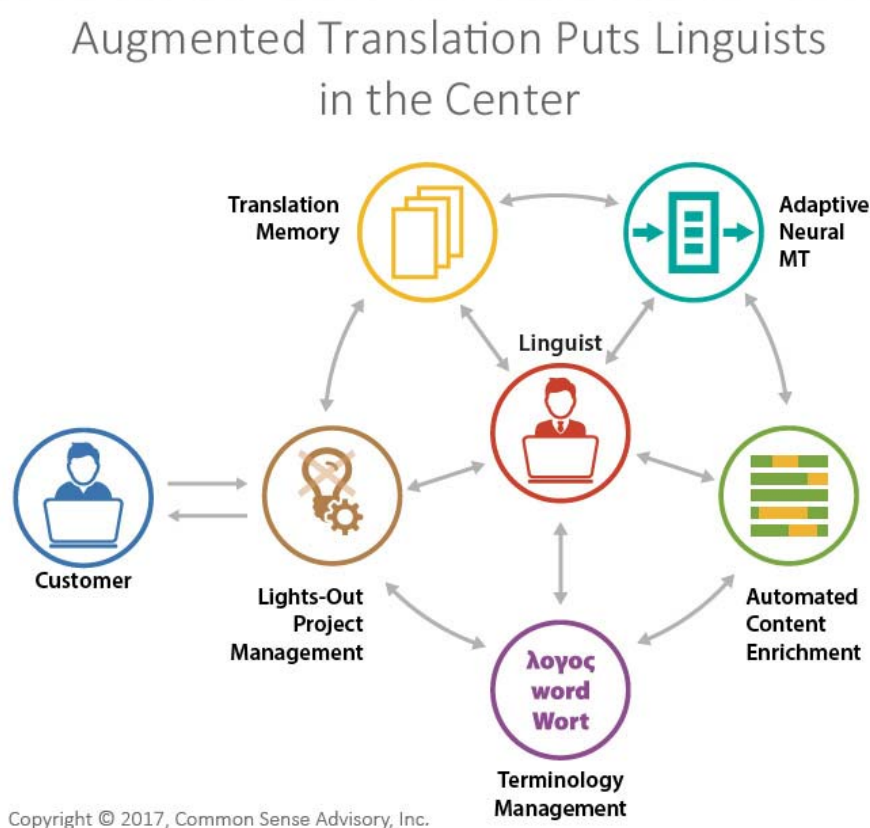


Figura 26. Ilustração do conceito de *Augmented Translation* da CSA.

Consoante a óptica deste trabalho, segundo a qual a relação entre todas as partes interessadas em tradução é qualificada por um diálogo transformador, a

<sup>23</sup> O relatório da Common Sense é de 2016, sendo o mais recente. A TAUS, contudo, não publica relatórios anuais, tendo sido usada a edição corrente, referente a 2013. No momento da confecção deste trabalho, nova edição baseada em dados de 2016 ainda não havia sido divulgada. Embora não sejam confidenciais, esses relatórios não são de fácil acesso. Meu agradecimento ao vice-presidente da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes), Renato Beninatto, pela gentileza de cedê-los.

<sup>24</sup> <https://www.commonsenseadvisory.com/AboutUs/CompanyOverview.aspx>

Common Sense faz questão de ressaltar para seus clientes que os tradutores não ficam impassíveis diante das influências tecnológicas. Stephen Henderson (2016), pesquisador da empresa, afirma que a percepção que os tradutores têm da tecnologia (no caso, de tradução de máquina) pode “consolidar ou interromper iniciativas de promoção da tecnologia” (<https://goo.gl/nWyw89>). E conclui:

How freelance linguists feel MT affects their profession has an impact on the entire language industry because they play a critical role across the spectrum of translation services. As a result, MT technology vendors, language service providers, and corporate buyers need to take an active role in creating buy-in to take on such tasks, developing the talent, and providing support through the process. In our research, we address six steps for LSPs [or Language Service Providers] and in-house teams to assist their freelancers in working with MT. (<https://goo.gl/nWyw89>)

Já a TAUS é uma associação de empresas ou outras instituições interessadas em inovações e tecnologias da tradução, notadamente na área de localização. A maneira como se apresenta ao público é especialmente interessante e transcrevo abaixo (os grifos são meus):

TAUS is a resource center for the global language and translation industries. Our mission is to enable better translation through innovation and automation.

We envision translation as a standard feature, a utility, similar to the internet, electricity and water. Translation available in all languages to all people in the world will push the evolution of human civilization to a much higher level of understanding, education and discovery.

We support all translation operators – translation buyers, language service providers, individual translators and government agencies – with a comprehensive suite of online services, software and knowledge that help them to grow and innovate their business. We extend the reach and growth of the translation industry through our execution with sharing translation data and quality evaluation metrics.<sup>25</sup>

A concepção de tradução como *utility* (necessidade pública) esposada pela TAUS e, portanto, por seus membros pode ser representada graficamente conforme a Figura 27. Também é interessante fazer uma comparação entre o a missão declarada pela TAUS em sua apresentação e sua lista de membros após a figura:

---

<sup>25</sup> <https://www.taus.net/mission>

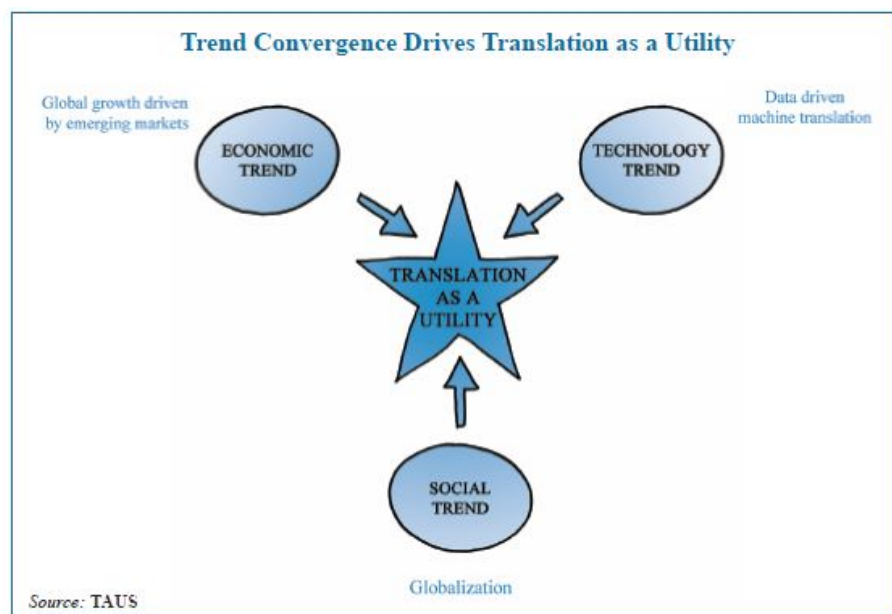


Figura 27. *Translation as Utility*. Fonte: TAUS (2013)

ABBYY	Hewlett-Packard	Oracle
Able Translations	Pactera	Pangeanic
Acclaro	Honyaku Center	Philips
Acrolinx	Hunnect	PROMT
Adobe	iDisc	PTC
Amesto	Informatica	PTSGI
Appen Butler Hill	Inpokulis	Quagnito
Attached BV	Intel	R.R. Donnelley
Autodesk	Iolar	Safaba
AVB Vertalingen	Jensen Localization	SDL
BBN Raytheon	John Deere	Semantix
Beo	<b>Johns Hopkins University</b>	Siemens
Bothof	Kilgray	SimpleShift
CA Technologies	Kingdom Site Ministries	Skrivanek
Capita	L&L	Smartling
Celer Soluciones	Language Intelligence	SpeakLike
<b>Charles University</b>	Language Service Associates	Spoken Translation
Cisco	LDS Church	STP Nordic
Citrix	Lexcelera	Straker Software
Clay Tablet	Lingo 24	Symantec
Cloudwords	LingoSail Technology	Systran
CLS Communication	Lingosoft Oy	Tauyou
CNGL	Linguistic Systems	Tekom
Concorde	Lionbridge	Tembua
Crestec	Logrus	Tilde

Cross Language	Lucy Software	Translated.net
DELL	Manpower	TransN
Digital Linguistics	Medilingua	TripAdvisor
<b>Dublin City University</b>	Medtronic	Trusted Translations
eBay/Paypal	Memsource	<b>University of Helsinki</b>
EC Innovations	Merrill Brink	Urban Translation Service
EMC	Microsoft	Welocalize
European Patent Office	Molina Healthcare	Win and Winnow
FBI NVTC	Moravia Worldwide	XTM International
Global Textware	Morphologic	Yahoo!
Google	MultiCorpora R&D Inc	Yamagata Europe
Harley Davidson	NICT	

Tabela 4. Lista de Membros da TAUS. Fonte: TAUS (2013)

Apesar de se dizer aberta aos tradutores individuais, não há um sequer em sua lista de 110 membros. Também é interessante notar que essa lista inclui até mesmo uma fábrica de motocicletas (Harley-Davidson), porém apenas quatro universidades (em negrito).

No que tange à penetração da tecnologia no setor de serviços linguísticos, a CSA nos diz que a tradução continua a ser o carro-chefe das receitas e alvo dos maiores investimentos na área, inclusive com algumas empresas redirecionando recursos de outros projetos (por exemplo, de localização ou interpretação) para aquela atividade (2016, p. 31).

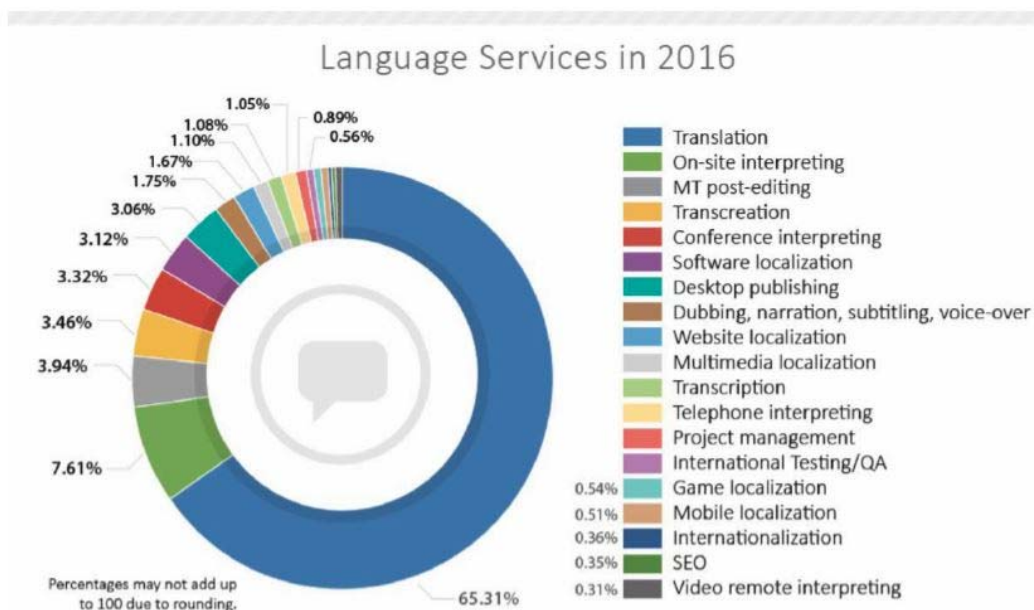


Figura 28. Distribuição das receitas por serviços em 2016. Fonte: CSA (2016)

Language Services	Percentage of Total Market				Opportunity in US\$M in 2016
	2013	2014	2015	2016	
Translation					
– Translation	45.56	33.13	56.01	65.31	23,282.41
– Transcreation <sup>26</sup>	2.77	3.89	2.75	3.46	1,233.85
– MT post-editing	2.42	3.33	1.40	3.94	1,404.93
Interpreting					
– On-site	11.38	9.64	9.20	7.61	2,711.77
– Telephone	2.22	5.47	3.94	1.05	374.34
– Video remote	1.18	1.37	1.41	0.31	110.72
– Conference	–	–	1.38	3.32	1,183.21
Localization and Engineering					
– Software	6.53	6.38	6.57	3.12	1,110.82
– Multimedia	3.79	3.15	2.71	1.10	392.61
– Mobile	–	2.39	0.77	0.51	182.79
– Website	5.02	4.31	3.86	1.67	595.96
– Game	–	3.82	1.03	0.54	192.78
– Internationalization	2.59	3.80	0.49	0.36	129.89
Other Services					
– SEO	–	–	–	0.35	125.77
– International testing and QA	2.69	3.15	1.39	0.56	198.65
– Transcription	–	–	0.65	1.08	386.01
– Desktop publishing	–	4.14	3.69	3.06	1,089.41
– Project management	–	4.60	1.10	0.89	318.65
– Dubbing, narration, subtitling, voice-over	3.93	3.14	1.64	1.75	622.66
Total language services					35,647.23

Tabela 5. Distribuição das receitas por serviços em 2016. Fonte: CSA (2016)

A leitura dos dados na Figura 28 e na Tabela 5 mostra a importância da tradução no mercado geral de serviços linguísticos. Chamo a atenção na Tabela 5 para o crescimento de mais de duas vezes e meia (que destaquei em negrito) no volume de receitas oriundas de pós-edição de traduções de máquina. Esse crescimento está diretamente associado à procura dessa tecnologia no setor. Em outros termos: o mercado *quer e busca* a tradução de máquina como epítome das soluções tecnológicas para seus gargalos de prazo, custo e produção.

A esta altura, já discutimos o bastante para determinar que a tecnologia

<sup>26</sup> *Transcreation* refere-se ao conceito de “tranciação” elaborado por Haroldo de Campos e adotado pela tradução de textos de marketing por sua natureza altamente criativa.

assumiu, de forma inequívoca, um papel de destaque entre os interesses da universidade em geral. Similarmente, a relevância da tecnologia para um público significativo da tradução — aquele que encomenda traduções e que chamamos de mercado — tomou o mesmo sentido. Essa concorrência de importâncias, todavia, não significa uma concorrência de propósitos. Pelo exposto, há um dilema para a universidade em seu trato com o mercado: como se mostrar expressiva para uma busca de soluções práticas, sem, contudo, abandonar a investigação teórica que lhe é peculiar. No epicentro do impasse está o tradutor e sua necessidade de sobreviver em um ambiente profissional que constantemente apresenta novos desafios de ordem prática. Por maior que seja a atração do tradutor pela pesquisa das coisas do seu ofício, a tendência de privilegiar quem melhor o prepare para crescer é natural. O destaque da tecnologia nesse contexto, então, a torna crucial para uma possível solução do dilema da academia e a forma de abordá-la não tem dimensão menor. Portanto, chegou neste trabalho o momento de apresentar uma sugestão de abordagem da tecnologia nos cursos universitários de tradução que os mostre atraentes para tradutores profissionais em formação ou mesmo já atuantes, a fim não apenas de atender requisitos de mercado, mas de criar uma população discente de onde possam sair novos pesquisadores.

## 5

### Uma proposta de abordagem

A preocupação central deste trabalho, a de ajudar a reduzir uma distância percebida entre formação acadêmica e prática tradutória, passa necessariamente por considerações de como aproximar academia e mercado de traduções, de modo a promover sua cooperação. Pela discreta participação da academia nos dados do mercado expostos no capítulo anterior, podemos dizer que essa cooperação não é tão significativa. Além disso, a desproporção entre a participação de centros de pesquisa acadêmica e centros de pesquisa empresarial, evidenciada por aqueles mesmos dados, mostra um desequilíbrio em favor do mundo empresarial que o torna o polo de atração natural para quem busca instrução sobre tradução. É uma situação que pode estar pondo em risco os cursos acadêmicos de tradução, até mesmo levando-os a adotar soluções de conteúdo programático que os mantenham como cursos universitários, mas sem um diferencial acadêmico a oferecer. Como a tecnologia é protagonista para todos os envolvidos na tradução como atividade e como objeto de estudo, podemos dizer que esteja no âmago de uma solução que venha a diminuir o dito desequilíbrio. A abordagem acadêmica à tecnologia, portanto, deve tentar acordar com a prática tradutória um denominador comum, que tem no aspecto social e mediador da tecnologia o seu melhor candidato<sup>27</sup>. É esse aspecto que orientará a sugestão de abordagem a seguir.

#### 5.1

##### Tradução e sociedade como norte

Em 2005, a Universidade de Graz, na Áustria, foi sede de um congresso que tinha como tema a tradução e a interpretação como práticas sociais. Desse congresso saiu uma coletânea de trabalhos intitulada *Constructing a Sociology of Translation* (2007), voltada para uma tradução considerada como prática social. Nessa compilação, Theo Hermans (2007) expôs uma visão da tradução como *sistema social*, afirmando que a tradução contribui para a construção de uma

---

<sup>27</sup> Conforme discutido aqui nas seções 3.1 e 4.3.

realidade social. Em outra parte da coletânea, Mirella Agorni (2007) recorre a um conceito de localismo para falar da *mediação* entre sistemas e indivíduos. A autora aventa, ainda, a expectativa de construir um modelo que pudesse relacionar aspectos socioculturais e individuais da tradução. À mesma altura, Hélène Buzelin (2007) se inspirou na Teoria Ator-Rede de Latour<sup>28</sup> para tratar do aspecto *produtivo* das atividades de tradução e Andrew Chesterman (2007) ressaltou que uma abordagem sociológica da tradução era inerente a discussões em torno da *qualidade* da tradução. Mediação, produção e qualidade: três dos conceitos mais caros discutidos no setor de traduções atual e todos os três confiantes na tecnologia como provedora de soluções.

Tendo em vista essas abordagens e contrastando-as com investigações teóricas que são caras aos Estudos Descritivos da Tradução — como a Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar —, percebe-se que a concepção da tradução como prática social oferece métodos de pesquisa ou arcabouço teórico para pesquisas sobre atividades tradutórias, nada além. Admitindo-se a tradução como prática social, é justo que seus assuntos sejam analisados com base nos contextos sociais mais amplos que os envolvem, entre eles o do tratamento dispensado à tecnologia na prática tradutória. Mas vale uma ressalva: os pesquisadores simpáticos a essa linha de estudos costumam recorrer a sociólogos como Pierre Bourdieu ou Niklas Luhmann, usualmente associados ao construtivismo social. Como já expus, não considero esse um tratamento exclusivamente suficiente para dar conta do fenômeno da tecnologia na tradução, pois implica uma hierarquização de sentido — da sociedade para a tradução — que acaba por obscurecer o fenômeno do *feedback* enviado pela tradução para a sociedade e vice-versa como parte de um relacionamento interativo transformador. O potencial para a subversão de hierarquias desse fenômeno — por sua capacidade de transformar todos os atores em seu circuito — e sua feição empírica — por somente se justificar na prática — o tornam propício a um exame pelas propostas da Teoria Ator-Rede. Em suma, embora a TAR não esteja preocupada com relações hierárquicas ou determinísticas, a existência de atores entendidos como sistemas hierárquicos não afeta adversamente os propósitos de um estudo pela óptica da TAR. Por exemplo, uma análise da tradução pelo construtivismo social, decorrente do conceito de tradução

---

<sup>28</sup> Apresentada aqui na seção 3.1.



como sistema social proposto por Theo Hermans (2007), parece encerrar a tradução em si<sup>29</sup> e terminar por apartá-la da estrutura social em que se insere. Para uma aproximação pela TAR, o fato de a tradução ser tida como um sistema hierarquizado não a impede de ser ator em uma rede de relacionamentos, nem esvazia um exame das coisas que mediam seus relacionamentos no momento em que se instauram. Em se tratando de tradução e sociedade, o que um enfoque pela TAR pretende é proporcionar subsídios teóricos para a compreensão de situações de encontros e desencontros em um relacionamento complicado por conexões que vêm e vão, correm em paralelo e se sobrepõem, tudo ao mesmo tempo. É o pensamento teórico admitindo o poder criador e recriador do “mundo das nossas experiências”, aproximando-se do fazer tradutório e tornando-se mais familiar aos interessados na prática da tradução.

## 5.2 Reflexão e prática tecnológicas como eixos

Cabe, neste ponto, voltar às considerações sobre a dicotomia entre treinar e formar tradutores, tão bem abordada por Bernardini (2004). Como já foi discutido<sup>30</sup>, para que um curso universitário seja considerado acadêmico de fato, é fundamental a promoção da formação crítica pela reflexão, o que não está entre as prioridades de um curso que se proponha a treinar profissionais voltados exclusivamente para preencher necessidades do mercado. Além disso, se há um ponto para o qual os pareceres dos estudiosos das tecnologias da tradução convergem e o fato de que, conforme as tecnologias de tradução de máquina fiquem mais refinadas, os tradutores passarão a traduzir, na verdade cada vez menos, dedicando-se cada vez mais a raciocinar sobre processos que levam à tradução como resultado — por exemplo, ditames sociais, políticas econômicas e culturais influentes nos resultados da tradução. Alguns autores chegam a vislumbrar uma tradução muito próxima, em suas preocupações, da produção de um texto monolíngue, como diz Margherita Ulrych (2005):

One of the most significant consequences in this changing scenario [of translation] is that the profile of translator is undergoing a profound transformation bringing the activity closer to that of a monolingual text

<sup>29</sup> Por levar a uma concentração em características aparentemente isoladas da tradução, isto é, aquelas que a definem como sistema.

<sup>30</sup> Vide a seção 4.2

production. The situation is such that authors go so far as to state that what translators are asked to do can no longer be called translation but is rather “reader-oriented” writing or “multilingual technical communication” (...) since the term “translation” simply cannot transmit the range of skills that are, and will increasingly become, necessary. (p. 21)

Curiosamente, nota-se que os cursos enfocando a tecnologia intrinsecamente como fornecedora de instrumentos para a satisfação de necessidades do mercado podem estar, na verdade, despreparando os profissionais que *treina*, ao *não formá-los* com uma bagagem teórica que estimule e embase a reflexão sobre o traduzir, justamente o que será exigido mais e mais de quem se dedica à tradução. Daí meu questionamento da autonomia da Tradumática como solução de abordagem da tecnologia nos cursos universitários de tradução. Como vejo, a Tradumática tem o inegável mérito de subsidiar o *treinamento* do tradutor de hoje para uma série de ocupações de ordem prática e de produtividade da tradução: análise quantitativa dos textos a serem traduzidos; pesquisa de corpus para levantamento terminológico; operação de ferramentas de auxílio à tradução; relacionamento com ferramentas e tradução de máquina; verificação de qualidade; e planejamento em nível linguístico e operativo de projetos de tradução, entre outras. Contudo, no horizonte da *formação* de tradutores, isso talvez não seja suficiente nem mesmo para garantir a sobrevivência da própria disciplina. Afinal, notemos que várias das tarefas de que a Tradumática se ocupa são justamente aquelas que os desenvolvedores de tecnologias voltadas para a tradução mais ambicionam automatizar.

Resumindo, em sua intenção de sugerir uma abordagem da tecnologia que promova uma aproximação entre universidade e tradutores, além das diversas outras partes interessadas na tradução, este trabalho propõe um curso universitário *acadêmico*<sup>31</sup> de tradução que:

- destaque o aspecto social da tradução e trate da proeminência da tecnologia como um componente desse aspecto;
- se preocupe com os diálogos transformadores que a tradução estabelece com seus públicos e os *feedbacks* mútuos contidos nesse diálogo;
- trate a tecnologia como uma mediadora das relações entre as diferentes partes interessadas na tradução; e

<sup>31</sup> Vide a distinção feita entre curso acadêmico e curso de nível superior na seção 4.2.

- aproprie-se das práticas atuais da Tradumática para atender aos requisitos imediatos dos públicos da tradução, porém sempre mirando a construção de competências críticas fomentadas pelo pensamento teórico social.

## 6

### Considerações finais

A indiscutível onipresença da tecnologia, que se faz sentir em todos os aspectos das nossas vidas, parece-me justificar o propósito. Conforme a tradução como atividade cultural, social e econômica vai se tornando cada vez mais dependente de produtos tecnológicos para seu desempenho, é consequente que a abordagem à tecnologia pelos cursos universitários de tradução seja determinante da forma como os públicos da tradução apreciam esses cursos em termos de proximidade de uma “realidade” tradutória. Esse é um fato que os cursos acadêmicos de tradução passaram muito tempo sem reconhecer e, acredito, ainda não reconhecem plenamente, desencorajando uma aproximação por parte dos interessados na prática da tradução. O surgimento da Tradumática aparentemente poderia suprir essa carência, mas pode ter acabado reforçando a ideia da tecnologia como produtora de *ferramentas* de administração e produtividade para projetos de tradução. O papel da tecnologia como ator nas relações entre as partes interessadas da tradução continua amplamente inexplorado, como também sua capacidade de contribuir para discussões prementes no coração das Ciências Humanas em torno das Humanidades Digitais. É um desvio que, a meu ver, poderiam ser corrigidos.

Em conclusão, deixo claro que, em suas páginas, esta dissertação não pretendeu exaurir uma questão que seguramente pede investigações posteriores e mais aprofundadas. Seu intuito foi o de chamar a atenção para o poder agregador de uma abordagem da tecnologia na tradução que reconheça a tecnologia por sua capacidade de catalisar anseios e provocar transformações, *mediadora* que é das expectativas que surgem nas relações entre os tradutores, as instituições que os treinam ou formam e os diferentes públicos de traduções. É preciso, também, assumir que tradução e tecnologia convergem para uma função mediadora de realidades, seja entre a academia e o “mundo das nossas experiências”, seja entre a tradução e seus públicos, e nesse âmbito precisam dialogar. Um olhar mais demorado dos pesquisadores acadêmicos para a natureza social e socializadora da tradução e da tecnologia, portanto, seria muito bem-vindo.

Como tradutor instruído pela prática da tradução e que descobriu mais recentemente o valor dos conhecimentos que a academia tem a oferecer sobre sua atividade, espero que este trabalho contribua para o entendimento do potencial que academia e prática, uma vez mais próximas, podem ter para determinar os rumos da tradução como atividade profissional e manancial de autoconhecimento para o ser humano.

ADMINISTRADORES.com. **Curso superior, tecnológico ou técnico: que modalidade escolher?** <https://goo.gl/uV5Np1>. Acessado em 12/02/2017.

AGORNI, M. (2007). Locating systems and individuals in translation studies. WOLF AND FUKARI (Eds). **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdã: John Benjamins, 2007. p. 123-134.

BARBOSA, S.D.J.; SILVA, B.S. **Interação humano-computador**. Rio de Janeiro: Editora Campus-Elsevier, 2010.

BERNARDINI, S. The Theory Behind Practice: Translation training or translator education. In: MALMKJAER, K. (Org.). **Translation in Undergraduate Degree Programmes**. Amsterdã: John Benjamins, 2004. p. 17-28.

CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St. Brieuc Bay. In: LAW, J (Ed.). **Power, action and belief: a new sociology of knowledge**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 196-233.

CALLON, M. The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle. In: CALLON, M.; RIP, A., LAW, J. (Eds.) **Mapping the Dynamics of Science and Technology**. Londres: Macmillan Press, 1986. p. 19-34.

CHESTERMAN, A; WAGNER, E. **Can theory help translators?: a dialogue between the ivory tower and the wordface** Nova York: St. Jerome Publishing, 2010.

DOHERTY, S. The Impact of Translation Technologies on the Process and Product of Translation. In: **International Journal of Communication**, v. 10. The University of New South Wales, 2016, p. 947-969.

ESSELINK, B. **A practical guide to localization**. Amsterdã: John Benjamins, 2000

FULLER, S. Humanity: the always already — or never to be — object of the social sciences? In: BOUWEL, J. W. (Ed.). **The social sciences and democracy**. Londres: Palgrave, 2010. p. 240-264

GONÇALVES, J. L. V. R; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. In: **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17. Florianópolis, 2008. p. 45-69

HAYLES, N. K. How We Think: Transforming Power and Digital Technologies. In: BERRY, D. M. (Ed.). **Understanding the Digital Humanities**. Londres:

Palgrave, 2011. Não paginado.

HENDERSON, S. The impact of freelance translators on MT — and Vice Versa. **Common Sense Advisory Website**. <https://goo.gl/nWyw89>, Acessado em 9/12/2016.

HERMANS, T. Translation, Irritation and Resonance. In: WOLF & FUKARI (Eds). **Constructing a Sociology of Translation**. Amsterdã: John Benjamins, 2007. p. 57–78.

HICKMAN, L. A. **John Dewey's pragmatic technology**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

KANT, I. **O conflito das faculdades**. Tradução de Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008[1798].

KEARNS, J. **Curriculum Renewal in Translator Training**: Vocational challenges in academic environments with reference to needs and situation analysis and skills transferability from the contemporary experience of Polish translator training culture. Tese de doutorado. Dublin City University, Dublin. 2006.

KERR, C. **The uses of the university**. Harvard University Press, Cambridge, 1963.

KIRALY, D. **Pathways to Translation**: Pedagogy and Process. (Translation Studies 3). Kent: Kent State University Press, 1995.

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, C. Culture: a critical review of concepts and e definitions. In: **Papers of The Peabody Museum of American Archaeology And Ethnology**, v. XLVII, n. 1. Cambridge: Harvard University. 1952. Não paginado.

LATOUR, B. **Pandora's hope**: essays on the reality of science studies. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

LATOUR, B. **Science in action**: how to follow scientists and engineers through society. Cambridge: Milton Keynes: Open University Press, 1987.

MUNDAY, J. **Introducing translation studies**: theories and applications. 3ª ed. Londres: Routledge, 2013[2001].

NOGUEIRA, M. A. **Universidade, conhecimento e opinião**. Conferência de abertura da Universidade de Verão. São Vicente: Universidade Estadual Paulista-Unesp, 2004. <https://goo.gl/PBI9NB>. Acessado em 02/02/2017

O'HAGAN, M. The Impact of New Technologies on Translation Studies: A Technological Turn? In: **The Routledge Handbook of Translation**, Londres: Routledge, 2013. p. 503-518

ORLANDO, M. **Training 21st century translators and interpreters**: at the crossroads of practice, research, and pedagogy. Berlim: Frank & Timme, 2016.

PINCH, T. J; BIJKER, W. E.. The social construction of facts and artifacts: or how the sociology of science and the sociology of technology might benefit each other.

In: BIJKER, W. E.; HUGHES, T. P.; PINCH, T. J. (Eds.). **The social construction of technological systems**. Cambridge: MIT Press, 1987. p 17-50.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUC-PR). **Sobre o tecnólogo**. <http://www.pucpr.br/tecnologos/>. Acessado em 03/01/2017

PRESNER, T. **Digital Humanities 2.0: a report on knowledge**. Rice University, 2009. <http://cnx.org/content/m34246/1.6/?format=pdf>. Acessado em 23/07/2016.

PYM, A. Training Translators: Ten Recurrent Naiveties. In: **Translating Today**. n. 2, 2005. p. 3-6. [http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/10\\_naivetes.pdf](http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/10_naivetes.pdf). Acessado em 08/07/2016.

PYM, A. What technology does to translating. In: **The International Journal for Translation & Interpreting**, v. 3, n. 1. 2011. <https://goo.gl/D93QCZ>. Acessado em 08/07/2016.

PYM, A.. Redefining translation competence in an electronic age. In defence of a minimalist approach. In **Meta** v. 48, n.4. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2003. p. 481-497.

READINGS, B. **The university in ruins**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

SCHNAPP, J.; PRESNER, T. **Digital Humanities Manifesto 2.0**. UCLA Mellon Seminar in Digital Humanities, 2009. <https://goo.gl/hhL02a>. Acessado em 10/12/2017.

SNELL-HORNBY, M. The turns of translation studies. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

TYLOR, E. B. **Primitive Culture**. Londres: Gordon Press, 1871

ULRYCH, M. Training translators: Programmes, curricula, practices. In TENNENT, M. (Ed.) **Training for the New Millennium: Pedagogies for Translation and Interpreting**. Amsterdã: John Benjamins, 2005. pp. 3-33

WIENER, N. **Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine**. Cambridge: MIT Press, 1961.

WIENER, N. **Deus, Golem & Cia**. Tradução de Leonidas Hegenbergh e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.